



SEMINÁRIO MAIOR ARQUIDIOCESANO DE BRASÍLIA
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (SMAB)
CURSO DE FILOSOFIA

ISAAC JOHNSON VASCONCELOS ELIAS

ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN

BRASÍLIA/DF

2019

ISAAC JOHNSON VASCONCELOS ELIAS

ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN

BRASÍLIA/DF

2019

ISAAC JOHNSON VASCONCELOS ELIAS

ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima, como requisito parcial para a conclusão do ciclo filosófico.

Orientador: Prof. Mestre Pe. Paulo de Matos Félix

BRASÍLIA/DF

2019

ISAAC JOHNSON VASCONCELOS ELIAS

ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima, como requisito parcial para a conclusão do ciclo filosófico.

Orientador: Prof. Mestre Pe. Paulo de Matos Félix

Aprovado em: __/__/____

Prof. Mestre Pe. Paulo de Matos (Orientador – SMAB)

Prof^a. Mestra Carmem Cecília C. Galvão de Menezes (SMAB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de toda sabedoria, bondade e misericórdia, que me concedeu a graça necessária para realizar este trabalho.

Aos meus Pais, Lyndon Johnson e Josiline Vasconcelos, que me deram a possibilidade de chegar onde cheguei, e as minhas duas irmãs, Irvia Johnson e Ilian Johnson que sempre me deram todo o apoio possível.

Ao cardeal Dom Sérgio da Rocha, pastor e guia da Igreja de Brasília que provê o melhor possível para a formação dos futuros sacerdotes.

Ao meu orientador e professor, Pe. Paulo de Matos que aceitando este desafio, mostrou-me, mais uma vez, a beleza do sacerdócio e um testemunho ímpar de amor a Cristo e a Igreja. Pelo voto de confiança e constante estímulo a esta pesquisa. Também agradeço bastante pela sua paciência, sua disponibilidade, abertura e sua presença entusiasmada em todas as etapas do meu percurso.

Agradeço aos colaboradores, que possibilitaram uma maior profundidade e autoridade no assunto, de maneira especial, agradeço ao professor Juvenal Savian, e a Ir. Adair Aparecida Sberga e a todos os professores que me incentivaram o cultivo e o amor à sabedoria.

A todos os meus amigos e colegas de turma, que me ajudaram direta ou indiretamente na construção deste trabalho, de forma especial agradeço ao Heric Jheison, Diego Silva e Humberto Alves.

„So ist die bräutliche Vereinigung der Seele mit Gott das Ziel, für das sie geschaffen ist, erkauft durch das Kreuz, vollzogen am Kreuz und für alle Ewigkeit mit dem Kreuz besiegelt.“ (Edith Stein, Kreuzeswissenschaft, in: «Gesamtausgabe», t. 18, p. 227)

"Portanto, a união nupcial da alma com Deus é a meta para a qual ela foi criada, comprada através da cruz, realizada na cruz e selada com a cruz por toda a eternidade."

“Porque para entrar en estas riquezas de su sabiduría la puerta es la cruz, que es angosta, y desear entrar por ella es de pocos, mas desear los deleites a que se viene por ella es de muchos.” (S. Juan de la Cruz, Cánt. (B), c. 36, 13)

“Se trata de una unión de amor: Dios es el amor y la participación Del ser divino, que es la garantiza la unión, debe ser una participación del amor. Dios es la plenitud del amor... Lo que permite de nuevo comprender que Dios pudo haberse creado en cada alma humana una morada propia a fin de que la plenitud del amor divino encuentre en la multiplicidad de las almas, diferentes por su naturaleza, un espacio más amplio para su participación.”

Edith Stein

RESUMO

O propósito deste trabalho está voltado para o estudo da vida de Edith Stein (1891-1942). Sua produção antropológica, filosófica e teológica. As suas implicações com o conhecimento que sempre foi um desejo da pessoa humana. Ao longo de toda história da filosofia, o homem procurou descobrir respostas sobre si mesmo. Nesse seguimento, a antropologia de Stein se mostra como um largo esforço em compreender a estrutura profunda do ser humano, tanto na ligação relacional que é estabelecido com as coisas, como na relação que ele mantém com outros seres humanos e, por fim, na sua relação com Deus. Suas pesquisas advêm do método fenomenológico de Husserl para serem, a posteriori, submetidas à indagação metafísica de Tomás de Aquino. Nessa mudança que vai da fenomenologia ao tomismo, Stein expõe que a constituição essencial do ser humano, enquanto formado por corpo, alma e espírito. A individuação dessa estrutura essencial bem como outras questões antropológicas levantadas só é esclarecida a partir da relação do ser finito com o Ser Eterno. Essa relação expressa tudo aquilo que a pessoa humana é, sem essa relação a pessoa humana vive em uma eterna escuridão. Vivendo uma vida inautêntica e sem sentido. A pessoa é compreendida como um ser espiritual e livre, centro de atos e com consciência de si. Essa pessoa pertence essencialmente a uma estrutura anímica em cuja espacialidade pode se mover e cujos atos, em relação ao mundo, são mais ou menos profundos. Para isso, foram solicitados diversos textos da autora e de alguns estudiosos de sua obra, a fim de iluminar, exemplificar e constatar as análises e interpretações sobre o tema aqui pesquisado.

Palavras-chave: Edith Stein. Pessoa. Antropologia Filosófica. Fenomenologia

RESUMEN

El propósito de este artículo es estudiar la vida de Edith Stein (1891-1942). Su producción antropológica, filosófica y teológica. Sus implicaciones con el conocimiento que siempre ha sido un deseo de la persona humana. A lo largo de toda la historia de la filosofía, el hombre ha buscado encontrar respuestas sobre sí mismo. Después de esto, la antropología de Stein se muestra como un gran esfuerzo por comprender la estructura profunda del ser humano, tanto en la conexión relacional que se establece con las cosas, como en la relación que tiene con otros seres humanos y, finalmente, en su relación con Dios. Su investigación proviene del método fenomenológico de Husserl para ser, a posteriori, sometido a la investigación metafísica de Tomás de Aquino. En este cambio de la fenomenología al tomismo, Stein expone la constitución esencial del ser humano como cuerpo, alma y espíritu. La individualización de esta estructura esencial, así como otras cuestiones antropológicas planteadas, solo se aclara a partir de la relación del ser finito con el Ser Eterno. Esta relación expresa todo lo que es la persona humana, sin esta relación la persona humana vive en la oscuridad eterna. Vivir una vida que no es auténtica y que no tiene sentido. La persona se entiende como un ser espiritual y libre, centro de actos y consciente de sí mismo. Esta persona pertenece esencialmente a una estructura del alma en cuya espacialidad puede moverse y cuyos actos en relación con el mundo son más o menos profundos. Para ello, se solicitaron varios textos de la autora y algunos estudiosos de su trabajo, para iluminar, ejemplificar y verificar los análisis e interpretaciones sobre el tema investigado aquí.

Palabras clave: Edith Stein. Persona. Antropología filosófica. Fenomenología

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. EDITH STEIN, UMA EXISTÊNCIA BASEADA NA PROCURA DO SEU SIGNIFICADO.	4
2.1. Ponto de Partida.....	4
2.2. Início da vida acadêmica.	5
2.3. O círculo de Gottinga	6
2.4. Angustia e aflição.	7
2.5. O sentido na vida de Edith Stein.	8
2.5.1. O encontro com a Verdade.	10
2.5.2. A perseguição Nazista.	13
2.5.3. Subida ao “monte” Carmelo.	14
2.5.4. A ciência da cruz vivida com o maior grau de coerência: O martírio.	16
2.6. Origem da Antropologia filosófica de Edith Stein.	17
2.6.1. Antropologia filosófica Steniana.	18
3. REALIDADE ONTOLÓGICA DA PESSOA HUMANA. – “A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA”	21
3.1. Constituição da pessoa.....	21
3.2. O ser humano como pessoa	22
3.3. A harmonia na composição da pessoa em Stein.....	23
3.4. A tríplice estrutura da pessoa humana	26
3.4.1. Corpo	26
3.4.2. Alma e psique	31
3.4.3. O espírito	34
4. A TRINDADE COMO ARQUÉTIPO DA PESSOA HUMANA – RELAÇÃO ENTRE O SER FINITO E O SER ETERNO.....	36
4.1. Uma Antropologia Transcendente	36
4.2. A situação da criaturalidade	37
4.3. O inverter de Edith Stein da analogia trinitária	38
5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	Erro! Indicador não definido.

1. INTRODUÇÃO

Dentre um enorme emaranhado que compõe o ser humano, tal se torna o ser com inquietação, reflexão, na procura do significado de sua existência. Começa um esquema de indagar aquilo que o conduz à reflexão sobre sua existência e ser. Algumas indagações e se mostram importantes em tal curiosa indagação existencial. Quem sou eu? O que ser? Ou, Qual o sentido e o objetivo do eu- ser? A inquietação e a busca pelo sentido se tornam a motivação principal na vida do ser em sua busca de significação da realidade e de seu existir no mundo.

O vácuo da existência, o temor e a tristeza tem sido fenômenos vivenciados e exparcidos na história durante os séculos XIX e XX. Tudo isso dentre inúmeros avanços na tecnologia, conquistas da civilização e mudanças referentes ao poder, deram lugar a inontáveis inquietações. O ser humano hodierno se encontra fortemente em uma sensação de “abafamento”, insegurança, falta de humor, ressentimento e dor, como frutos principais da angústia.

Durante o século XX, Edith Stein¹, se mostra como um marco no meio em que estava. Encantamo-nos com o relato de sua vida, pois ela tem sido um testemunho vivente. Um eloquente resumo do nosso século. Mostra-se possível captar uma plena corrença entre o seu viver e entre o seu pensar. Sua filosofia brota da dor experimentada por ela diante das guerras, destruições e atrocidades dos homens. Tal realidade conduziu-a a encontrar o outro, com a intenção de conhece-lo no seu mais íntimo e profundo ser. Chegando ao cume da doação ao outro, quando em 1942 é levada ao campo de concentração de Auschwitz, e lá se retrata o exemplo mais forte de resistência à violência.

Perante a falta de sentido, o ser humano capta sua incapacidade de edificar alguma coisa que englobe totalmente sua existência. Até mesmo perante tal situação conflituosa na qual existência do ser humano no mundo perdeu seu referencial, seu sentido, surgem pessoas que, sondando a mais profunda significação do ser, apontam luzes para uma nova saída do homem imerso nas trevas da “anomia” (estado de falta de objetivos e perda de identidade).

Ressalta-se o seu inovador pensar no qual ela, filósofa e teóloga germânica, nos mostra tamanha originalidade em seu pensar. Ela evita os padrões na filosofia do seu momento histórico quando põe a vida do ser humano como algo inacabado imerso em uma

¹ KAWA, Elisabeth. Edith Stein a abençoada pela cruz. São Paulo: Quadrante, 1999.

busca. Sua originalidade consiste na visão que o ser humano, por ser finito, encontra sua completude em um ser maior, um ser eterno (Deus).

Quando se torna cristã, sua fé brota, em virtude do seu encontro com a fenomenologia que lhe deu a possibilidade de uma pesquisa sobre as essências dos entes. A ela foi dada a possibilidade de ver-se liberta dos preconceitos, possibilitando desse modo crer na transcendência, colocando a parte o pensamento idealista. Com a fenomenologia não foi lhe dada uma fé, mas lhe foi aberta uma novas áreas de fenômenos, diante dos quais ela não poderia estar indiferente. Esse modo de pensar, contemplar os entes sem ideias pré-fixadas, fazendo cair todas as barreiras dos preconceitos racionalistas.

Sintetizando, o conceito de pessoa é utilizado por Edith Stein para indicar o indivíduo humano dotado de espiritualidade (*Geistigkeit*), ou seja, da possibilidade de fazer-se notório no grupo da natureza por seu potencial de reflexão, autorreflexão, apercepção de valores e expressão/comunicação.

Dessa forma aparece o conceito de pessoa na obra inicial de Edith Stein, sua tese de doutorado sobre O problema da empatia, no entanto ao curso dos seus escritos sobre a espiritualidade humana, se alia outro elemento que chegará a ser de crucial importância para entender seu pensamento sobre a personalidade ou da pessoalidade: o caráter individual de cada pessoa ou, simplesmente, a individualidade.

Por esse motivo, em sua maior obra, *ser finito e Eterno*, ela toma novamente a definição de Boécio, inserindo nela um singelo câmbio: se Boécio definia pessoa como a “substância individual de natureza racional”, Edith a definirá como a “essência individual de natureza racional” (*Einzelwesen von vernünftiger Natur*)². Com o intuito não somente de captar o sentido da mudança do termo “substância” por “essência”, mas também o motivo de Stein enfatizar a individualidade (tal como já fizera Boécio), convém retrazar, então, os principais momentos da história do conceito de pessoa estudados por ela.

Seu contributo filosófico é inegável, mormente no referente à pessoa humana, já que é apresentada uma linguagem atual que satisfaz o anseio do homem atual. Aquilo que João Paulo II chama de filosofia exemplar e corajosa na relação com a palavra de Deus, que é essencial para o momento atual, ela traz. Sua filosofia porta discursos novos sem a

² Cf. *Ser finito e eterno* VII, 1.apud SAVIAN, Juvenal Filho. *A Trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária*. Faculdade Dehoniana. Número 30, revista TQ – Teologia em Questão, 2016.

preocupação com a discursão com modismos intelectuais ou ideologias dominantes mas com a verdade, aí se encontra a grandiosidade de seu pensamento.

No primeiro capítulo irei tratar sobre sua filosofia aplicada com o maior grau de coerência em sua vida, sobre a origem, e como passou a dar-se o estudo e produção da antropologia filosófica Steniana. No segundo capítulo tratarei sobre a realidade ontológica humana, onde será exposto como Stein define a pessoa humana e como é feita a sua constituição, e a tríplice estrutura da pessoa humana: Corpo, alma e espírito. No terceiro e último capítulo tratarei sobre a Trindade como arquétipo da pessoa humana, como Stein relata a relação entre o ser finito com o Ser Eterno, e a produção de uma antropologia transcendente.

2. EDITH STEIN, UMA EXISTÊNCIA BASEADA NA PROCURA DO SEU SIGNIFICADO.

2.1. Ponto de Partida.

A família Stein chegou em Breslau, na Alemanha, em 1890. Siegfried Stein, negociante de madeira, e sua mulher Augusta Courant formavam um casal judeu fortemente religioso. Edith foi a sétima filha a nascer no dia 12 de outubro de 1891. Para os judeus aquele dia era dia de penitência, o dia da Expição. Para a senhora Stein, judia fervorosa, o nascimento de sua filha naquele dia era um sinal divino de que a pequena Stein teria, no futuro, um papel grandioso na história de seu povo.

Erna, irmã de Edith, assim descreve a vida cotidiana ao lado de sua mãe e irmãos:

“Nossa casa era um lar de judeus ortodoxos. Observávamos cuidadosamente os dias de jejum e festas. Minha mãe acreditava em Deus sinceramente, mas era bastante larga de espírito, para não exercer a menor pressão religiosa sobre nós. As crianças de nossas famílias aprenderam o hebraico numa escola israelita, exceto as duas últimas, Edith e eu. Morávamos, então, nos arredores da cidade e mamãe não queria que percorrêssemos sozinhas a grande distância que nos separava daquela instituição.”³

Edith se destacava em sua sala de aula e era considerada um grande prodígio durante o jardim de infância. Apesar de que esses anos não lhe agradaram muito, com o passar do tempo que tal experiência “*negativa*” do colégio fora superada, o que trouxe um novo ânimo para que ela continuasse a estudar em 12 de outubro de 1897.

Em outubro de 1897, aos seis anos, Edith desde que iniciou seus estudos rapidamente demonstrou uma admirável vontade de aprender, superando suas colegas de classe mais velhas que ela. Suas matérias preferidas eram: alemão, história e línguas. Aprendeu a falar o francês, o inglês e o espanhol, e a ler latim, grego e hebraico. No fim da vida iria aprender facilmente o holandês. Um colega de sala relatará mais de perto os extraordinários dons de Edith: “*No entanto, acrescentou, não tinha o menor convencimento, era profunda, reservada, silenciosa, sempre complacente e compreensiva para com suas companheiras*”.⁴

³ Artigo de Maria Bienas, N. 11, novembro de 1952 Apud MIRIBEL, Elisabete de. Edith Stein – *Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 35

⁴ Idem. P. 38

A mãe de Edith não se iludia quanto a influência das teorias céticas e liberais sobre a sua filha. Aos treze anos de idade, Edith “*abandonou a fé e a oração*” e até aos vinte e um anos não conseguia crer na existência de Deus. Mais tarde Erna e Edith ingressaram na Universidade de Breslau, Universidade recém fundada. A primeira optou pela medicina e a segunda dedicou-se às pesquisas filosóficas tendo se matriculado em história e filologia⁵. Depois, Stein se interessou pela psicologia experimental e após isto se apaixonou pela filosofia.

Edith considerava-se uma jovem privilegiada, dona de uma consciência esclarecida. No tocante as questões sociais, Edith Stein lutou pelos direitos da mulher, pelos direitos dos grevistas; e após a guerra de 1914 trabalhou com tenacidade pela república de Weimar, militando no partido democrático, ela amava sua pátria.

Tensión permanente de todas las fuerzas despertaba en mí la placentera sensación de una vida profunda; tenía conciencia de ser una criatura rica y privilegiada. De esta suerte vivía la ingenua ilusión de tener siempre razón...⁶

2.2. Início da vida acadêmica.

Na sala de aula tinha por característica o fato de sempre buscar a verdade e de ser a única mulher na sala, buscava claramente respostas para seus questionamentos e anseios. Frequentava todos os cursos que lhe despertavam maior interesse, mas como especialização, acabou por escolher a germanística, história e psicologia.

Todo meu estudo de psicologia só me serviu para reconhecer que esta ciência se encontra ainda em faixas, faltando-lhe a base de conceitos fundamentais claros e para persuadir-me de que esta ciência não é capaz de formar-se sozinha.⁷

Em 1912, durante o quarto período de psicologia, aos vinte e um anos de idade, Edith escreveu um relatório falando sobre a evolução do pensamento na psicologia

⁵ Filologia é o estudo da língua em toda sua amplitude e dos escritos que a documentam.

⁶ NEYER, María Amata. *Edith Stein: su vida en documentos e imágenes*. Traducción Teófanés Egidio. Madrid: Editorial de Espiritualidade, 1987. P. 16

⁷ GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*, São Paulo, Loyola, 1987. P. 35 apud Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 13

experencial⁸ segundo Kulpe, Buhler e Messer, cujos trabalhos faziam referência a Edmund Husserl e suas Pesquisas Lógicas. Um professor chamado Reinach ao perceber o entusiasmo de Edith no estudo dos textos filosóficos recomendou-lhe a leitura da segunda parte das Pesquisas Lógicas⁹.

Ela teve acesso ao 2º volume das Investigações Lógicas de Husserl. O método utilizado por Husserl que mais tarde veio a declarar como “*o filósofo e incontestavelmente o mestre de seu tempo (...)*”¹⁰ a fenomenologia não assumia a filosofia como uma noção em si mesma, isto é, aceitava o objeto independentemente, todavia, indo para além do puro objeto material, para assim determinar o que ele se mostra, a saber, em suas aparências (fenômenos).

O argumento de Husserl para a fenomenologia é que se compreende o mundo como um aglomerado de materiais que possuem seu existir em si, contudo, se entende como um existir que possui o seu ser somente na medida que possuem uma relação com o sujeito. O ser e o aparecer do fenômeno portanto coincidem, o resultado desta relação é que não se faz necessário nenhuma espécie de essência fora dele para sustenta-lo. Utilizando-se da fenomenologia, Husserl não se refere aos fenômenos particulares, mas sim por estruturas universais do aparecer, estas que estão sustentadas por conceitos, tais como fenômenos, consciência e intencionalidade.

2.3. O círculo de Gottinga

Para a abordagem fenomenológica, o sujeito transcendental é o sujeito cognoscente¹¹ por excelência, pois ele não tem como objeto o mundo concreto, tão pouco suas relações com as ciências deste mundo. Na verdade, ele é apto para analisar o próprio fundamento da consciência na sua estrutura formal, elevando-se ao nível de sujeito filosófico. Tomar conhecimento da fenomenologia, ou melhor, da pessoa do próprio filósofo Edmund Husserl, fez com que Edith Stein se mudasse para Gottinga, ingressando no grupo de estudo de

⁸ Psicologia experimental é o ramo da psicologia em que se aplica o método experimental para os fatos psíquicos, os passíveis de serem observados nas suas manifestações externas, a fim de medi-los, descrevê-los e extrair suas leis gerais.

⁹ Cf. p.24. Edith deixou notas importantes sobre o período de estudos que estão anexadas ao texto manuscrito da história de sua família, pertencente aos arquivos Husserl, em Louvain. Em parte foram citadas na biografia de Madre Thérèse-Renée, p.24 em diante. Estas narrativas estão de acordo com estes escritos: Livro Edith Stein, *Lebensbild einer Philosophin und Karmelitin*. (Edith Stein, retrato de uma vida de filósofa e carmelita)

¹⁰ Artigo de Maria Bienas, N. 11, novembro de 1952 Apud MIRIBEL, Elisabete de. *Edith Stein – Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 42

¹¹ Capaz de assimilar conhecimento, de conhecer, de passar a saber; quem busca saber ou tomar conhecimento sobre: sujeito cognoscente.

seu mestre que, a propósito, mais tarde, viria a ser seu orientador em sua tese de doutorado em 1916, que tratava do Problema da Empatia.

Querida e velha Gottinga! Creio que somente quem lá estudou na época do florescimento da escola de fenomenologia – de 1905 a 1914- pode calcular tudo o que vibra neste nome. Eu tinha vinte anos e estava cheia de expectativa por tudo o que aconteceria. (...) Depois de ter contado tantas coisas secundárias, eis finalmente o motivo principal de minha vinda a Gottinga: a fenomenologia e os fenomenólogos.¹²

Esta época foi marcada pela euforia juvenil da estudante de filosofia ao descobrir a fenomenologia:

“Tinha vinte e um anos, escreveu ela, e estava cheia de esperanças. A psicologia desapontou-me. Cheguei à conclusão de que esta ciência estava engatinhando, e que lhe faltava fundamentos objetivos. Mas o pouco que eu conhecia de fenomenologia, sobretudo seu método objetivo de trabalho, encantava-me.”¹³

Com este novo ciclo de vida ela acabou por perceber suas próprias limitações e defeitos, encontrando-se em uma crise de sua idade e de seu meio social, que não mais lhe permitia sentir-se segura em seu ateísmo.¹⁴

2.4. Angustia e aflição.

Durante o inverno de 1913 a 1914, Edith se confrontou mais ferrenhamente, um período de grandes inquietações e dúvidas, concomitantemente à elaboração de sua tese de doutorado, pois enquanto se dedicava a elaboração de sua tese de doutorado: “*seguía trabajando en una autentica desesperación... Era incapaz de ir por la calle sin desear que un coche me atropellase y me matase*”¹⁵.

Cheia de angustia, ela vivia todos esses questionamentos. Edith não conseguia abstrair nenhum sentido para viver, e no campo da fé que fora criada, fé judia, ela não mais

¹² GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*, São Paulo, Loyola, 1987. P. 39-40, apud Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 14

¹³ Stein Apud MIRIBEL, Elisabete de. *Edith Stein – Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 43

¹⁴ Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 14

¹⁵ NEYER, María Amata. *Edith Stein: su vida en documentos e imágenes*. Traducción Teófanés Egidio. Madrid: Editorial de Espiritualidade, 1987. P. 22 apud Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 14

acreditava nem vivenciava. Assim, neste período de grandes questionamentos e dúvidas, restava-lhe, tão somente recorrer à filosofia para buscar a verdade, bem como a resposta para seus anseios.¹⁶

Stein sofria de um grande vazio existencial que lhe corroía a “*alma*”, padecia com o coração e entendimento inquieto. Ela almejava respostas para os seus questionamentos que, dia após dia faziam se multiplicar, quase que reduzindo o seu existir no mundo tão somente a uma incessante busca por sentido, uma vez que, o que mais lhe afligia era exatamente a angústia de ainda não haver encontrado a verdade e a realidade que ela pressentia existir, como algo “*absoluto*”¹⁷, este que projetava-se para além de uma verdade material e imediata oferecida em seu tempo¹⁸

Passar do domínio das pesquisas especializadas para o do problema do conhecimento era, para Edith, uma libertação. Sair do ambiente fechado dos parentes judeus e amigos para mergulhar na cidade universitária preocupada com os problemas contemporâneos era viver a liberdade tão desejada. O primeiro contato de seu mestre com Stein foi extraordinário, ao saber da mesma que tinha lido o segundo tomo completo das Pesquisas Lógicas, Husserl ficou impressionado, e assim a admitiu em Göttingen.

2.5. O sentido na vida de Edith Stein.

No meio de suas angustias Edith viu a possibilidade de ser livre e fazer suas escolhas. No verão de 1914, entre rivalidades e brigas comerciais e de poderes entre as potências europeias, eclode a primeira guerra mundial; e Stein resolve realizar-se ao se sentir convocada, voluntariando-se à cruz vermelha, deixando sua tese inacabada. Mas sua estadia como voluntária no hospital não durou muito tempo, devido ao grande número de voluntários.¹⁹

Quando ela retorna para casa, continua sua tese e sua tese, um período de grande leitura e discussões, tanto, com Husserl, seu mestre, como com seus colegas, para assim apresentar sua tese de doutorado em três de agosto de 1916, perante uma exigente bancada de

¹⁶ Ibidem

¹⁷ Em última instância, Edith buscava uma transcendência que nem a religião judaica, tampouco a filosofia puderam oferecê-la.

¹⁸ Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 14

¹⁹ Ibidem p. 17

examinadores formada por professores da universidade de Albert-Ludwigs de Freiburg. Concederam-lhe a maior classificação: “*summa cum laude*”.²⁰

Entre os anos de 1916 a 1918, a jovem doutora passou por grandes mudanças devido as influências com que passou a ter contato, um período de buscas e encontros, protagonizados por filósofos e amigo de fé protestante, como era o caso de Husserl, bem como Max Scheler, de fé católica, além de seu grande amigo, o doutor Adolfo Reinach, protestante fervoroso, juntamente com sua esposa. Importante ressaltar que, estes contatos, de certa maneira, acabaram contribuindo para abalar o seu ateísmo.²¹

O novo modo de vida e mudança para o pensamento cristão surgem para Stein no contexto da primeira guerra mundial, onde o Doutor Reinach, amigo pessoal de Stein, havia sido morto em batalha, e sua esposa Paulina lhe tinha confiado a tarefa de reordenar as obras ainda não publicadas do marido.²²

Edith deixou prontamente os seus trabalhos pessoais para cumprir seu dever de amiga. Stein conhecia o casal de perto e conhecia a felicidade do casal protestante, e temia ver sua amiga esmagada pela dor, no entanto a via transformada pela provação. Vendo no rosto de Anna as marcas da dor profunda, Edith percebeu que emanava da alma de sua amiga a força de Cristo, uma nova luz que a unia ao Crucificado deixando em Edith uma impressão indelével.

Foi aquele o meu primeiro encontro com a cruz, a minha primeira experiência da força divina que emanava da cruz e se comunicava àqueles que a abraçam. Pela primeira vez foi-me dado contemplar, em toda sua luminosa realidade, a igreja nascida da Paixão salvífica de Cristo em sua vitória sobre o aguilhão da morte. Naquele momento, minha incredulidade desmoronou. Esvaiu-se o judaísmo e Cristo levantou-se radiante diante do meu olhar. Cristo mistério salvífico de sua cruz.²³

Um pouco antes da morte Stein disse a um sacerdote:

Este foi meu primeiro encontro com a Cruz, com esta força divina que ela emana aos que a carregam. Pela primeira vez, a Igreja nascida da Paixão de Cristo, e vitoriosa sobre sua morte, me apareceu visivelmente. No mesmo instante minha incredulidade cedeu, o judaísmo empalideceu aos meus olhos e a luz de Cristo refulgiu em meu coração. A luz de

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem

²³ FABRETTI, Vittoria. *Uma vida por amor*. Paulinas, 2000 P. 36 apud Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 18

*Cristo no mistério da Cruz. Esta é a razão pela qual, tomando o habito de carmelita, desejei unir ao meu nome o da Cruz...*²⁴

Edith Stein conhece então Hedwig Conrad-Martius e as duas firmaram laços de amizade. A senhora Conrad-Martius, após casar-se, foi morar em Bergzabern, no Palatino, numa vasta propriedade cheia de pomares. Esta casa tornou-se um centro de encontro para o círculo filosófico de Göttingen, um ponto de férias aberto a acolher a todos para discussões filosóficas. Edith permanecia hospedada junto à família de Conrad-Martius e vivia uma vida austera. Cultivavam a terra e se revezavam nos afazeres domésticos ajudados por dois camponeses.

Embora Edith mantivesse uma personalidade fechada e silenciosa, era uma mulher sábia e benevolente de inesgotável devotamento. Participava dos cultos protestantes com Hedwig Conrad-Martius e após o culto dominical Hedwig ouviu a seguinte observação: *“O céu está fechado para os protestantes, mas aberto para os católicos”*²⁵. Edith em seu habitual silêncio estava discernindo a escolha de sua fé.

2.5.1. O encontro com a Verdade.

No verão de 1921 os Conrad-Martius tiveram que se ausentar, então entregaram as chaves da biblioteca para Edith Stein. Como se dedicava à prática da leitura e tendo ao seu dispor uma grande e equipada Biblioteca, estando sozinha Stein pegou aleatoriamente um livro²⁶ que lhe chama a atenção: A vida de santa Teresa D'Ávila.

A filósofa passou a noite inteira debruçada sobre o livro dedicando-se a leitura do mesmo. Havia ela chegado a uma importante conclusão: aquele livro continha a verdade que ela tanto almejava em sua vida, a saber, o Deus que Santa Teresa D'Ávila tinha vivido. *“Comecei a leitura e fiquei de tal modo presa que não a interrompi até que cheguei ao fim do livro. Quando o fechei tive de confessar a mim mesma: Esta é a verdade!”*²⁷

²⁴ Stein Apud MIRIBEL, Elisabete de. Edith Stein – *Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 60

²⁵ Artigo de Maria Binas, N. 11, novembro de 1952 Apud MIRIBEL, Elisabete de. Edith Stein – *Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 64

²⁶ No verão de 1921, Edith Stein absorveu do livro “A vida de La mística y doctora Teresa de Avila” (autor desconhecido).

²⁷ Stein Apud MIRIBEL, Elisabete de. Edith Stein – *Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 64

A leitura da vida de Santa Teresa D'Ávila sem dúvidas foi o golpe final da graça de Deus que fez com que Stein pedisse o batismo, após completar dezoito meses de permanência na residência dos Conrad-Martius, foi realizado no dia 1º de janeiro de 1922, tendo como madrinha Edwig Conrad Martius, recebendo um novo nome: Teresa Edwiges.

Depois do seu batismo, Edith passou a irradiar uma alegria infantil segundo sua própria madrinha. Fez primeira comunhão, e segundo seus amigos, seu rosto parecia a de uma noiva em seu casamento. O bispo de Spira, Dom Luís Sebastião, crismou Edith em sua capela particular e tornou-se seu diretor espiritual.

Faltava ainda cumprir uma dolorosa obrigação, diante da qual Edith era tentada a ceder, faltava-lhe comunicar sua mãe que havia se tornada católica. Para um judeu, isto é tornar-se um traidor de seu povo, um traidor da tradição judaica. Tentada a simplesmente mandar uma carta, Edith foi forte e prontamente viajou para Breslau para comunicar sua mãe de sua conversão ao catolicismo.

Ao chegar à casa aos pés de sua mãe e disse firmemente: “*Mamãe, eu me tornei católica*”²⁸. Esta heroica mãe acostumada ao sofrimento, diante de tal notícia não se conteve e chorou. Sua filha nunca tinha visto a mãe chorar e também verteu lágrimas de dor. Mãe e filha ficaram juntas por seis meses indo à sinagoga juntas e cumprindo os jejuns e preceitos judeus. Inutilmente sua mãe tentava convencer sua filha a voltar para a crença do Deus único revelado ao povo judeu.

Edith começou a estudar cada vez mais e aprofundar seus conhecimentos nos grandes filósofos cristãos como Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho, sendo chamada a realizar palestras e conferências relatando sua experiência. No ano de 1923, Edith tornou-se professora na escola de moças das Irmãs Dominicanas em Speyer, passando também a ministrar conferências entre elas: A mulher e sua missão segundo a ordem da natureza e da graça, revelando a situação em que a mulher vivia na sociedade, convidando as mulheres para sua missão na Igreja, na sociedade, no lar e na vida profissional, reivindicando seus direitos e dignidade. Permaneceu entre as Dominicanas até a páscoa de 1931.

Foi neste ambiente de estudo, oração e silêncio no convento das dominicanas que Edith dedicou-se ao conhecimento das obras de Santo Tomás de Aquino. Ela completou o método fenomenológico aprendido com Husserl com a visão tomista problematizando uma filosofia cristã. Vê-se esta reflexão num primeiro ensaio editado por Niemeyer, em 1929, em Halle intitulado da fenomenologia de Husserl à filosofia de Santo Tomás. Em um dos trabalhos

²⁸ Stein Apud MIRIBEL, Elisabete de. Edith Stein – *Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 68

mais importante de Stein, Ser Finito e Ser Eterno, houve um esforço para dar continuidade à filosofia do Santo Tomás, tentando uma harmonização deste (tomismo) com a filosofia contemporânea integrando a visão tomista com aquilo que Stein considerava “*aquisições válidas da fenomenologia*”, afinal, Edith Stein torna-se bastante tomista quanto ao conteúdo, mas permanece sempre com o método fenomenológico.

Grandes jornais como Heidelberg Boten reconheciam os discursos de Edith declarando por exemplo que: “*Quando lemos seus profundos trabalhos filosóficos, ficamos persuadidos de que esta mulher fará algo de realmente importante pela Alemanha católica.*”²⁹. De fato, todos ficavam persuadidos com suas conferências, pois não estavam ligadas a movimentos feministas, mas sim, a questão da essência do Eu, que abordava muitos campos da ciência tais como; antropologia, psicologia, pedagogia, dentre outros.³⁰

Após traduzir para o alemão as *Questiones Disputatae de Veritate* (perguntas discursivas sobre a Verdade), de Santo Tomás, dedicou um ensaio ao mestre, visto que ele celebrava seu septuagésimo aniversário. A obra intitulada “*A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino*”, intercalava os valores do Santo na Filosofia Medieval e a Fenomenologia de seu predileto mestre.³¹

Stein começa a comparar a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás. Edith Stein definiu a *Philosophia Perennis* (do latim: filosofia perene) como o verdadeiro espírito filosófico presente em todos os grandes pensadores que buscam descobrir a inteligibilidade do universo.

Edith propõe que se admita uma única disciplina denominada por ela de filosofia. Essa filosofia é obra da razão num sentido que engloba a razão sobrenatural, informada pela revelação e a razão natural, fruto de um esforço pessoal. Sendo assim, esta filosofia tem como ponto de partida a fé. Para Santo Tomás, diz ela, “*a verdade primeira, o princípio e o critério de toda verdade é Deus. (...) O axioma filosófico primordial*”³².

Vejamos como Edith Stein resume seus estudos:

“Husserl e Tomás de Aquino acham que o fim da filosofia é dar uma compreensão do mundo, a mais universal, a mais solidamente fundada a que se possa chegar. Husserl procura seu ponto de partida ‘absoluto’ na imanência da consciência. Para Tomás, ao contrário, o ponto de partida é a fé. A fenomenologia considera-se uma ciência do ser

²⁹ Stein Apud MIRIBEL, Elisabete de. *Edith Stein – Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 68

³⁰ Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 19

³¹ Ibidem

³² Stein Apud MIRIBEL, Elisabete de. *Edith Stein – Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 74

e demonstra como uma consciência, graças às suas funções espirituais, pode construir um mundo e eventualmente todos os mundos possíveis. (...)O ponto de partida que unifica o desdobramento de todo o conjunto da problemática filosófica e à qual ela se refere incessantemente, é, para Husserl a consciência transcendental pura e, para Tomás, Deus e seu relacionamento com as criaturas.”³³.

Os discípulos de Husserl passaram a acreditar que ela havia rompido com o seguimento ao pai da fenomenologia por causa de ter se tornado católica e estar se aproximando do tomismo. Husserl era protestante vindo do judaísmo e continuava firme, em sua filosofia. Apesar do que se comentava sua relação com Stein continuava cordial, marcada pela amizade e mútuo respeito.

Stein passou a aplicar no estudo do tomismo, o método fenomenológico, regularmente seus trabalhos apareciam nos anais de Filosofia e Pesquisas fenomenológicas de Edmundo Husserl.

O professor Dempf, de Munique, amigo de Stein, na fala da admiração de Stein pelo método fenomenológico:

“A fenomenologia, afirma ele, era para ela mais do que uma ponte que levava ao tomismo, a fenomenologia abriu para Edith Stein o caminho que partindo da simples objetividade dos fenômenos e de seu exato conhecimento, ia até a o conhecimento rigoroso do Ser, o caminho que vai do método fenomenológico ao método ontológico.”³⁴

2.5.2. A perseguição Nazista.

Infelizmente a carreira acadêmica da Doutora não durou muito devido a ascensão em 1933 do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, também conhecido como Partido Nazi (nazista), surgiu em 1920 e se tornou uma oposição aos sociais democratas. A primeira medida tomada pelo partido foi a exclusão dos não-arianos dos empregos públicos; sendo assim Edith Stein, no dia 25 de fevereiro de 1932, encerava sua carreira de docência.³⁵

Com grande preocupação para com o seu povo, e bastante conturbada devido ao fato de ter deixado sua brilhante carreira pela opressão nazista fez com que Edith escrevesse um documento ao Papa Pio XI, pedindo-lhe que escrevesse uma encíclica a favor de seus concidadãos. Naquele mesmo ano, Pio XI escreveu algo contra a ideologia Nazista,

³³ Stein Apud MIRIBEL, Elisabete de. Edith Stein – *Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 76

³⁴ Dempf Apud MIRIBEL, Elisabete de. Edith Stein – *Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 60

³⁵ Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 19

Mitbrennender Sorge³⁶, o que de certa forma, evidencia que o Sumo Pontífice levou em consideração as palavras dessa grande mulher.³⁷

Edith sendo intolerante com a injustiça animou seus alunos em Münster a formarem um grupo de oposição aos estudantes nazistas pois para ela, teoria sem a prática não tem sentido nenhum. Depois de ser afastada do instituto em Münster em 19 de abril de 1933, por causa de sua origem judaica, percebeu então que era o momento mais propício de realizar seu sonho já desejado a doze anos, lembrando de suas leituras de Santa Teresa D'Ávila desejava ser carmelita. Stein ingressa no Convento Carmelitano de Colônia no dia 14 de outubro de 1933.

Devido sua idade (consideravelmente avançada para o ingresso na vida religiosa) com quarenta e dois anos, sua origem judia e falta de recursos financeiros, as dificuldades não eram poucas. Contudo, após ser examinada pelos responsáveis pelo Carmelo de Colônia, foi admitida na comunidade e ingressou no dia 15 de outubro, festa de santa Teresa de Ávila.

No instante em que a mãe de Edith passou a saber que sua filha além de ser católica iria se tornar freira carmelita, não houve mais concórdia na família. A aversão da senhora Stein a essa ideia era muito grande, por vezes tinha ataques de fúria e explosões de raiva. Mesmo Edith tentando dar todos os seus motivos para a sua decisão, a sua mãe tentava achar sempre falsos motivos que estavam a motivando.

2.5.3. *Subida ao “monte” Carmelo.*

Quando ela finalmente entrou no Carmelo, ela procurava se adaptar ao novo estilo de vida: viver com humildade e modéstia, para assim não exteriorizar-se seu conhecimento intelectual, cultural e também sua popularidade de conferencista.³⁸

Stein renova seus votos na Ordem do Carmelo no dia 14 de setembro de 1936, na festa da Exaltação da Santa Cruz e perde sua mãe, Augusta Stein, no mesmo dia. Edith via no sofrimento o valor de co-redenção para aqueles que participando do corpo de Cristo o seguindo em tudo e pela fé são um prolongamento da paixão e morte de Jesus. Desta forma, com o sofrimento oferecido por um homem se resgata outro homem, outrora afastado de Deus por causa do mal. Ela afirmava não mais ser possível participar da missa sem desejar unir-se ao sacrifício de Cristo pela salvação do mundo.

³⁶ Tradução: Com profunda preocupação

³⁷ Ibidem.

³⁸ Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno.* / Belo Horizonte, 2013. P.19

Conforme uma antiga tradição, num domingo, Edith se consagra recebendo o hábito carmelita no dia 15 de abril de 1934 e escolhe o nome de Irmã Teresa Benedita da Cruz. Ela escolheu o nome de Teresa devido a santa que lhe despertou para a fé e acrescentou o seu chamado ao seu nome, Benedita da Cruz, que equivale à bendita (abençoada) cruz, assumindo assim publicamente sua opção radical pelo caminho da cruz, pela vivência deste símbolo.

Husserl escreve para Edith Stein no ano de 1938 da seguinte forma:

“Pode-se querer bem pessoalmente mesmo quando se é separado na concepção filosófica como nos queremos bem Edith e eu! Ela conheceu suficientemente o límpido, equilibrado e sistemático pensamento da escolástica. Como em Santa Teresa não se encontra nada disso?”³⁹

Em resposta à carta de seu mestre, ela escreve:

O complemento pleno a que tende a filosofia enquanto procura da sabedoria (verdade) é a sabedoria divina, a visão simples que abrange o próprio Deus e tudo o que é criado, certamente não por esforço próprio – é a visão beatífica que Deus lhe oferece, unindo-se a ele. O espírito criado adquire uma participação do conhecimento divino ao viver a vida divina. A maior aproximação deste fim supremo é a visão mística (...).⁴⁰

O Carmelo contribuiu muito para a Irmã Teresa, visto que recebeu a autorização da madre para retornar aos estudos e aos escritos de Filosofia. No ano de 1941, a pedido de sua superiora, escreve o livro *“A ciência da Cruz”*⁴¹, já que a comunidade Carmelita celebrava o IV centenário do nascimento de São João da Cruz; uma obra que ficou inacabada. Outra grande obra escrita por Stein, foi *“Ser finito e Ser Eterno”*⁴², um trabalho começado dentro do convento e de maior cunho filosófico.⁴³

Apesar de que a vida no convento acabou por lhe proporcionar alegrias como a conversão e o ingresso de sua irmã Rosa no Carmelo, como irmã leiga, que servia à portaria do convento em Echt. Ela sempre se preocupou com a situação do seu povo judeu, que se tornava cada dia mais difícil, portanto a vida no convento nunca lhe serviu como uma fuga do mundo, ou uma fuga do que estava acontecendo da Alemanha. A superiora de Edith, consciente do

³⁹ STEIN, Edith. *Na força da cruz*. 2. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987, P. 89

⁴⁰ STEIN, Edith. *Na força da cruz*. 2. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987, P. 89

⁴¹ Último livro escrito, em 1941, e estava ainda redigindo as últimas páginas quando foi presa.

⁴² Contemplando a dissertação “Potência e ato”, ao qual obtivera a livre- Docência.

⁴³ Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 20

perigo, depois do episódio das famosas “*Leis de Nuremberg*”⁴⁴ e da “*Noite dos Cristais*”⁴⁵, devido aos fatos citados, transfere Stein para o Carmelo de Echt na Holanda no dia 31 de dezembro de 1938, onde já se encontrava sua irmã Rosa.⁴⁶

2.5.4. A ciência da cruz vivida com o maior grau de coerência: O martírio.

Com a segunda guerra mundial começando oficialmente em 1939, os alemães invadiram a Holanda então Edith e sua irmã não se encontravam mais seguras em território holandês. Elas então começaram a se preparar para mais uma viagem, agora para um convento na Suíça contudo encontrava dificuldades de acolhimento para irmã Rosa que por ser de ordem terceira, ou seja, não era religiosa, deveriam arranjar abrigo em outro lugar, pois o Carmelo acolheria somente Edith.

Esta viagem não chegou a ser feita, pois, no dia 2 de agosto de 1942, dois oficiais da S.S.⁴⁷ chegam ao convento de Echt na Holanda com ordem para levá-las. Edith Stein foi levada para o campo de concentração em Westerbork, junto com sua irmã e tantos outros judeus. De lá, Stein escreve às irmãs do Carmelo: “Estou contente com tudo. A *scientia crucis* pode-se conquistar somente quando sentimos a cruz pesar com todo o seu fardo. Disto estava convencida desde o primeiro momento, e disse de coração: “*Ave crux, spes única*”.”⁴⁸

Um comerciante perguntou a Irmã Benedita o que iria acontecer com ela depois daquele momento e ouviu uma resposta simples e serena. Ela lhe disse que estava trabalhando e rezando e esperava poder continuar trabalhando e rezando. Vejamos a mensagem da Irmã Benedita enviada do campo de concentração endereçada ao Carmelo:

Querida madre. Quando Vossa Reverência receber a carta de P... (nome ilegível) ficará sabendo o que ele pensa. Parece-me que nas circunstâncias atuais é melhor nada tentar. Abandono-me, porém, nas mãos de Vossa reverência, deixando-lhe a decisão. Estou contente com tudo. Não se pode adquirir uma ‘*scientia crucis*’ (Ciência da Cruz, era o título de seu ultimo trabalho) sem começar por suportar verdadeiramente o peso da Cruz. Desde o primeiro instante, esta foi minha íntima convicção e disse do fundo

⁴⁴ Textos adotados em 15 de setembro de 1935 em Nuremberga, que não admitia mais nenhum direito ao povo Judeu.

⁴⁵ Episódio ocorrido no dia 9 de novembro de 1938, na Alemanha e na Áustria, onde sinagogas, loja e habitações Judias, foram destruídas por militantes do partido Nazi.

⁴⁶ Ibidem

⁴⁷ SS - Serviço de Segurança do Governo Nazista Alemão, responsável pela perseguição dos judeus e pelos campos de concentração.

⁴⁸ FABRETTI, Vittoria. *Uma vida por amor*. Paulinas, 2000 P. 69 apud Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 21

do meu coração: Ave crux, spes única. De vossa Reverência, a filha agradecida, Irmã B...⁴⁹

Por ser Judia e Católica Irmã Tereza Benedita da Cruz, encontrou-se com a morte no dia 9 de agosto de 1942, na câmara de gás⁵⁰ em Auschwitz Birkenau, juntamente com a sua irmã Rosa e com tantos outros judeus.

A notícia de sua morte só foi anunciada no dia 16 de fevereiro de 1950, quando a Cruz Vermelha holandesa enviou uma breve notícia às irmãs do Carmelo; “*O número 44074, Edith Theresia Hedwig Stein, nascida em 12 de outubro de 1891 em Breslau, de Echt, morreu em 9 de agosto de 1942.*”⁵¹

2.6. Origem da Antropologia filosófica de Edith Stein.

Sua trágica morte foi e é hoje um sinal de contradição em uma sociedade desumana e reducionista. Em uma época de grandes descobrimentos a respeito da estrutura transcendental da pessoa humana na perspectiva da filosofia e da psicologia, Stein ofereceu e oferece grandes contribuições, principalmente no campo desta última e também na pedagogia.

Para tentarmos entender melhor sobre como é formado o pensamento steniano, precisamos preteritamente analisar as bases do seu conhecimento seguido. O pilar central, ou seja, o método utilizado por Stein para seus estudos, é a Fenomenologia. Mas após sua conversão ela passa a sofrer grandes influências do pensamento tomista. A filosofia pensada por ela tem como objetivo realizar o movimento de aproximação entre fenomenologia e tomismo, fazendo uma abordagem da estrutura da pessoa humana, buscando entender sua relação com as coisas existentes, com os seres humanos e por fim com o Ser Absoluto.

A antropologia filosófica em Edith Stein, a pergunta pelo ser humano invocada por Stein, envolve toda a obra e encontra lugar seja na fenomenologia, seja na filosofia católica. Discípula de Husserl, que investigava profundamente o eu puro, mas também

⁴⁹ Stein Apud MIRIBEL, Elisabete de. Edith Stein – *Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001. P. 188

⁵⁰ Para evitarem tumultos era dito para os judeus que a câmara de gás era um galpão para banho onde seria aplicado um produto para higienização. Havia vários chuveiros sem encanamento de água para atestar a veracidade dos fatos.

⁵¹ Scandini, Patrício. *Uma hora com os místicos do Carmelo*. Loyola, SP, 1999. P. 37 apud Mendes, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013. P. 21

o corpo, a psique e o espírito, ela capta o eu enquanto um ser que habita um corpo que sente, percebe, move-se e abre-se ao mundo e a outros sujeitos.⁵²

Ao tentarmos analisar sob o ponto de vista steniano a concepção de pessoa nos deparamos com os seguintes questionamentos: o que é o homem? O que torna o ente humano pessoa e não outra coisa? Quais são as implicações do pensamento steiniano na formação da pessoa humana? Para respondermos a tais questionamentos, partimos do pressuposto de que o ser humano é um ser psicofísico formado por um corpo, no qual leva sua alma (impulsos psíquicos) e seu espírito (razão). Ele é um ser ético pois tem a capacidade que o distingue dos outros seres que é a de atribuir valor às coisas, é capaz de escolher entre o bem e o mal e de formar uma comunidade cultural. Diante dessas características, o ente humano se difere do mundo animal, visto que este último é movido por impulsos instintivos, sendo incapaz de escolher e atribuir valores éticos ao mundo.

O seu desejo pela verdade a emancipou dos imperativos racionalistas e a fez buscar a verdade reconhecendo os limites da própria razão. Sua antropologia filosófica⁵³, está para além de si mesma, pois sua filosofia perpassa pelo terreno da fé e permite os conteúdos da Revelação e da Mística.

2.6.1. *Antropologia filosófica Steniana.*

Edith assume o método fenomenológico para a análise da pessoa humana. Falando da natureza humana, logo pensamos em sua essência enquanto tal, pois o que faz a pessoa humana ser pessoa humana é a sua essência, essência que é entendida como espírito, permitindo-o mover-se para fora de si mesmo, sem deixar nada de si mesmo. O ser humano é constituído de corpo, alma e espírito.

Por meio da análise sobre a empatia (*Einfühlung*), a filósofa inaugura o ponto de partida nas suas reflexões acerca da pessoa humana, pois, para que ocorra a empatia, é preciso que haja um corpo, uma alma e um espírito, ou seja, um indivíduo estruturado⁵⁴.

⁵² KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein, entre Deus e a Filosofia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014. P. 21

⁵³ Idem P. 22

⁵⁴ Mauro, Gabriel da Silva Rosa. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*. / Revista Crátilo, Centro Universitário de Patos de Minas, 2015. P. 92

Quanto ao aspecto espiritual, a alma é simples e aberta, tende para o além (metafísica) e para o outro eu. Stein demonstrou isso na sua tese doutoral sobre a empatia, termo esse que havia sido empregado pelo seu mestre Edmund Husserl brevemente, e que ela aprofunda em sua tese. Stein se interessava, de modo particular, por essa abertura do ente humano.

Partindo da concepção de que o homem é um microcosmo, termo muito importante na fenomenologia, Edith afirma que o homem pertence à natureza, por ser constituído pelo corpo, mas por ser psique, pertence ao reino espiritual. Como ele é pertencente ao reino do espírito, ele pode colocar na natureza algo de bem ou de mal. Diferentemente dos animais, somente o ente humano tem o aspecto espiritual. O homem pode ser perverso ao passo que o animal é somente selvagem. Essa é sua natureza. Somente a pessoa pode colocar bondade ou maldade em seus atos. O espírito permite ao homem tomar decisões e refletir. Na sua composição harmônica, o espírito encontra-se no alto⁵⁵. Em algum momento, perceberemos que compartilhamos o mesmo planeta, que estamos todos envolvidos e que os sofrimentos de nossos vizinhos não são diferentes dos nossos.⁵⁶

O corpo é o lugar dos sentimentos, da vontade, das tomadas de decisões. De um modo geral, pode-se afirmar que o corpo não é a “prisão da alma”, mas é o que torna a pessoa visível e a coloca em contato direto com as coisas e com os outros seres humanos. Pelo corpo, como mostrou Stein em sua tese doutoral sobre a empatia, é possível penetrar, em certa medida, na experiência dos outros seres humanos e no seu “mundo” interior. Quando se vê uma pessoa sorrindo ou chorando, olhando a expressão facial, sabe-se o que se passa com a pessoa. Prosseguindo sempre mais em suas análises, Stein nunca abandona o método fenomenológico, mesmo quando entra em contato com a filosofia cristã. Nesse sentido, o primeiro elemento que salta aos olhos quando se encontra alguém e que desperta a atenção é a corporeidade.⁵⁷

Assim, o corpo vivo animado carrega em si mesmo os sinais visíveis da verdade sobre o ser humano, na sua unidade de gênero: masculino e feminino. Não é possível “ver”

⁵⁵ Mauro, Gabriel da Silva Rosa. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*. / Revista Crátilo, Centro Universitário de Patos de Minas, 2015. P.95

⁵⁶ *a un certo punto, ci renderemo conto che condividiamo lo stesso pianeta, che siamo tutti coinvolti e che le sofferenze dei nostri vicini non sono diverse dalle nostre* (J. Rifkin, *la civiltà dell'empatia. La corsa verso la coscienza globale nel mondo in crisi*, Mondadori, Milano, 2010, p.570 apud Manganaro, Patrizia. *Empatia*. / Parole allo specchio, 2014. P.14

⁵⁷ Mauro, Gabriel da Silva Rosa. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*. / Revista Crátilo, Centro Universitário de Patos de Minas, 2015. P.96

perceptivelmente a psique e o espírito (onde são colados? Qual é o seu próprio espaço?). Mas eles se manifestam na apercepção empática.⁵⁸

Podemos ainda nos questionar se a empatia se relaciona com a natureza ou com a cultura? A quantidade ou qualidade? Apenas com seres humanos ou todos os seres vivos? Podemos formar, educar para empatia? É um valor que pode ser ensinado com o testemunho? É uma competência performativa? Um ato cheio de significado?⁵⁹

Existe empatia com corpos inanimados? Com pinturas, esculturas, imagens? Com obras visuais de arte, fruto da criatividade?⁶⁰ Existe empatia entre nós e os outros, ou mesmo entre nós e as coisas?⁶¹

É, portanto, possível “ler” o espírito na corporeidade? Não seria talvez o corpo vivente um sinal visível do invisível, deste modo, uma modalidade mesmo do espírito? A resposta da reflexão filosófico-antropológica de inspiração cristã aos problemas levantados é repleta de consequências.⁶²

⁵⁸ Manganaro, Patrizia. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein*/ Curitiba: Jarua, 2016. P. 56.

⁵⁹ L'empatia riguarda la natura o la cultura? La quantità o la qualità? Soltanto gli essere umani, o tutti gli esseri viventi? Si può formare, educare all'empatia? È un valore che si può testimoniare incrementemente, insegnare? È una competenza performativa? un agire pieno di senso? – p.17 –

⁶⁰ C'è empatia con i corpi inanimati? Con dipinti, sculture, immagini? con le opere d'arte visive, frutto della creatività? Manganaro, Patrizia. *Empatia*. / Parole allo specchio, 2014.P. 17

⁶¹ C'è empatia tra noi e gli altri, o anche tra noi e le cose?, (Cf.A. Pinotti, *Empatia. Storia di un'idea da platonne al postumano, laterza*, Roma – Bari 2011, 103ss apud Manganaro, Patrizia. *Empatia*. / Parole allo specchio, 2014.P.18

⁶² Manganaro, Patrizia. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein*/ Curitiba: Jarua, 2016. P. 57.

3. REALIDADE ONTOLÓGICA DA PESSOA HUMANA. – “A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA”

3.1. Constituição da pessoa

A perspectiva de Edith Stein apresenta a pergunta sobre o ser humano por meio de uma filosofia da pessoa. Pode-se dizer que essa filosofia parte de uma interpretação, não ideal do que seria uma pessoa, mas da experiência existente, fenomênica do ser pessoa; sem a pretensão de um conhecimento pontual do ser humano, pois esse não iria condizer com a complexidade de sua estrutura, mas com o intuito de reflexionar sobre o fundamento filosófico, sem o qual qualquer tentativa de conhecer a pessoa humana pode conceber conceitos distorcidos e perde-se no seu propósito. Assim sendo, o entendimento desse fundamento é, segundo postula Alfieri⁶³, essencial para toda ciência que opere no campo das humanidades, pois só ele permite compreender a pessoa na riqueza de sua diversidade, sendo cada uma vista como é no íntimo do seu ser.

“A proposta de Edith Stein mira a formação integral, evitando qualquer tipo de empecilho que venha a se sobrepor ao desabrochar das potencialidades da pessoa; por isso, a formação deve se tornar um instrumento refinado e apropriado para favorecer a plena realização de cada personalidade”.⁶⁴

Nesse capítulo veremos o modo que a filósofa situa como sendo três as dimensões que se inter-relacionam na unidade da pessoa humana: o corpo enquanto realidade material e como corpo próprio/vivenciado, que compõem a dimensão material; a psique, correspondente à dimensão psíquica; e o espírito, a dimensão intelectual.

Para o conhecimento da pessoa humana se mostra como uma ferramenta útil a metafísica e de modo particular, a fenomenologia, visto que há aspectos que não podem ser colhidos por meio de recursos técnicos, mas apenas por meio da ponderação, análise da vivência e observação. Nesse sentido, Stein descobriu, por meio do método fenomenológico de Husserl, que a pessoa humana é formada por um corpo, uma alma e um espírito. Assim, o homem não é um corpo material apenas, mas é também um corpo animado, vivo, denominado “leib”. É

⁶³ ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica*. Organização e tradução de Clio Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014. Apud Fidelis Donatos, Samuel. *A constituição tripartida da pessoa humana/ Sapere aude* – Belo Horizonte, 2017. P. 573

⁶⁴ Sberga, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior/* São Paulo: Paulus, 2014. P. 19

composto por uma alma (seele), com suas peculiaridades próprias, e um espírito (geist), o qual lhe permite decidir, avaliar e ter uma vida ética. A dimensão espiritual é o que limita a diferença entre o ser humano e os demais seres vivos. É o que o faz ser homem e não outra coisa.

A antropologia filosófica que Edith Stein expôs é a integração enriquecida com base em considerações contínuas e retrabalho que envolve não apenas a fenomenologia, mas também que, após sua influência com a filosofia cristã, recebe a influência de Tomás de Aquino, Santo Agostinho, Duns Scoto, Pseudo-Dionísio e também a mística carmelitana (João da Cruz e Teresa de Ávila). O que a coloca em movimento é a necessidade de compreender a pessoa humana, tudo o que toca o seu ser e suas relações. Ela procura investigar a pessoa na sua estrutura individual, mas também o seu ser social, o indivíduo diante da comunidade.

A pessoa humana é o núcleo de todo o pensamento steiniano. Ao fazer o estudo da empatia como um especial ato de conhecimento do outro na sua tese de doutorado, a essencialista se dá conta da constituição do indivíduo “psicofísico” como algo complexo, mas de extrema importância para a compreensão do ser humano. Ela afirma que o homem:

[...] é um ‘composto’ de vários estratos: o Eu puro, como sujeito de experiência e unidade de consciência; a alma como parte essencial do indivíduo, sua unidade substancial, o corpo ao que está unida a alma e que se vive como ‘experiência’, como ‘meu corpo’ e, portanto, como algo vivo (Leib e não Korper).⁶⁵

3.2. O ser humano como pessoa

Stein ao apresentar a pessoa, fala de Deus como Ser em pessoa na sua obra “Ser finito e Ser eterno. É importante ter em conta que, nessa obra, Stein já havia tido contato com as obras de filósofos cristãos, de modo particular, Tomás de Aquino, conforme já foi afirmado. A tradição aplica o conceito ‘pessoa’ ao homem, essa palavra que, em sua plenitude, convém somente a Deus, pode-se aplicá-la ao ente humano exclusivamente por analogia.

É, portanto, possível “ler” o espírito na corporeidade? Não seria talvez o corpo vivente um sinal visível do invisível, deste modo, uma modalidade mesmo do espírito? A

⁶⁵ “[...] es un ‘compuesto’ de varios estratos: o Yo puro, como sujeto de experiencia y unidad de consciencia; El alma como parte esencial del individuo, su unidad sustancial; el cuerpo al que esta unido el alma y que se vive como ‘experiencia’, como ‘mi cuerpo’ y por tanto como algo vivo (leib y no korper)”. A palavra “Leib” traduzida do alemão para o português significa “corpo vivente”, enquanto a palavra “Korper” significa corpo material. (STEIN, E. *Sobre el problema de la Empatía*. Burgos: Monte Carmelo, 2007, v. 2, 949 p. 32 apud Mauro, G. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 92)

resposta da reflexão filosófico-antropológica de inspiração cristã aos problemas levantados é repleta de consequências.⁶⁶

Pessoa exige espiritualidade. Nessa perspectiva, enquanto pessoa, o homem é um ser espiritual, em cujo espírito existe algo de característico: um centro a partir do qual ele se pertence plenamente, está em si, pode entrar e sair de si mesmo. Tendo em vista sua espiritualidade, a pessoa humana pode adentrar no mundo que se manifesta a ela sem que ela extravie nada de si mesma. O ser pessoa traz consigo, nessa espiritualidade que se traduz em interioridade, o dom de possuir-se e de poder se conhecer.

E se você quiser encontrar um lugar alto, um lugar sagrado, ofereça-te a Deus como tempo na tua interioridade. De fato, Santo é o templo de Deus que vós sois. Quer rezar no templo? Ore dentro de ti; mas procure antes ser templo de Deus, de modo que ele possa escutar quem orar em seu templo.⁶⁷

Portanto, a pessoa possui compreensão e liberdade. Tendo a ciência de si mesma, cada pessoa também tem a capacidade de dirigir os seus processos com o domínio dos atos que sucedem na temporalidade. Cada pessoa encontra a si mesma como um “eu”. Mesmo não sendo uma pessoa completa, em plenitude, o ente humano é de verdade pessoa. Isso faz dele um ser de nobreza e dignidade, o que lhe dá certo mistério impenetrável.

O ente humano é sagrado porque é pessoa e tudo o que é humano tem um imenso valor, partindo desse núcleo original. No entanto, não podemos reduzi-lo somente a esse núcleo, porém é impossível prescindir dele. O homem “é” e está em um contínuo “fazer-se”. Ele aspira à plenitude, é aberto a tudo o que é grande e nobre para aperfeiçoar-se gradualmente. As implicações pedagógicas desse fato são múltiplas.

3.3. A harmonia na composição da pessoa em Stein

Em suas ponderações filosóficas, Stein parte da pergunta: “O que é o homem? ” Nesse sentido, a resposta que encontrou foi que a pessoa humana é formada em três aspectos: corpo, alma e espírito. A tríade corpo, alma e espírito, de origem bíblica e de tradição

⁶⁶ Manganaro, P. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein*. / Curitiba: Juruá, 2016.p. 57

⁶⁷ “e se vuoi trovare un luogo alto, un luogo santo, offri a dio come tempio nel tuo intimo, Santo, infatti, è il tempio di Dio che siete voi. Vuoi pregare nel tempio? Prega dentro di te; ma cerca prima di essere tempio di Dio, affinché egli possa essaudire chi prega nel suo tempio” (Agostinho, In Iohannes Ev., XV, 25. Apud Manganaro, P. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein*. / Curitiba: Juruá, 2016. P. 57

agostiniana, responde melhor à pergunta sobre a verdadeira proporção da pessoa humana do que a composição hilemórfica, dualista, de raiz aristotélica.

O homem dispõe de um corpo, contudo um corpo animado, em que habita a sua alma. Em relação aos movimentos, o homem não possui plena liberdade sobre seu corpo, pois não pode sair dele para contemplá-lo nos seus diversos ângulos. Mas o homem não se prende apenas na análise externa, pois pode se compreender desde dentro, pois ele não é pura materialidade, é constituído de uma alma que dá vida ao seu corpo.

Posso separar-me idealmente dele e contemplá-lo como desde fora. Porém, em realidade, estou atado a ele: estou ali, onde está o meu corpo, por muito que “com o pensamento” possa trasladar-me a outro extremo do mundo, e inclusive, superar todas as barreiras espaciais.⁶⁸

O homem pode compreender que é corporeidade por meio das sensações, como, por exemplo, quando ele sente frio ou experimenta o fenômeno da dor. Stein contempla uma imagem positiva do corpo. Ele é o que determina a pessoa, é o princípio da vida espiritual, ou seja, tudo o que toca ao homem. Porém, a pessoa humana sente a sua existência corporal como um “fundo escuro”, no sentido de que este o limita. O corpo recebe este controle porque expressa o lado da experiência negativa. Na sua tríplice estrutura, o corpo encontra-se no exterior. Para Edith, o ser finito se realiza como pessoa na integração harmônica de sua tríplice estrutura.⁶⁹

Sabendo que a pessoa humana “reside” em seu corpo como num “domicílio inato” sabemos sobre a compreensão do que se passa e como se passa nele. Além do corpo, o homem tem uma alma e esta não se mostra somente nos atos vitais, que a exerce analogamente aos

⁶⁸ “Puedo separarme idealmente de él y contemplarlo como desde fuera. Pero em realidad estoy atado a él: estoy allí, donde está mi cuerpo, por mucho que ‘con el pensamiento pueda trasladarme al otro extremo del mundo, e incluso superar todas las barreras espaciales’”. (STEIN, E. *Sobre el problema de la Empatía*. Burgos: Monte Carmelo, 2007, v. 2, 949 p. 100 apud Mauro, G. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 94)

⁶⁹ “El ser humano es un ser corporal vivo-anímico-espiritual. En cuanto el hombre es espíritu según su esencia, sale de sí mismo con su ‘vida espiritual’ y entra en un mundo que se le abre, sin perder nada de sí mismo. ‘Exhala’ no sólo su esencia – como toda hechura real – de una manera espiritual expresándose él mismo de modo inconsciente: además actúa personal y espiritualmente. El alma humana en cuanto espíritu se eleva en su vida espiritual por encima de sí misma. Pero el espíritu humano está condicionado por lo que le es superior e inferior: está inmerso en un producto material que él anima y forma en vista de su configuración de cuerpo vivo. La persona humana lleva y abarca ‘su’ cuerpo vivo y ‘su’ alma, pero, es al mismo tiempo soportada y abarcada por ellos. Su vida espiritual se eleva de un fondo oscuro, sube como una llama de cirio brillante pero nutrida por un material que él mismo no brilla. Y brilla ella sin ser absolutamente luz: el espíritu humano es visible para sí mismo, pero no es del todo transparente; puede iluminar otra cosa sin atreverla enteramente.” (STEIN, E. *Sobre el problema de la Empatía*. Burgos: Monte Carmelo, 2007, v. 2, 949 p. 959-960 apud Mauro, G. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 94)

animais, mas também neste mundo interior como centro vivente para onde tudo se inclina e do qual tudo parte. Na sua tríplice estrutura, a alma está no meio.

O ente humano é algo muito complexo e profundo, e profunda e complexa é sua alma. Esta é dividida em aspectos psíquico e espiritual. O psíquico está unido às reações do mundo exterior, de forma que independe da sua escolha. Se o homem ouvir um barulho alto, por exemplo, sua reação será a de sentir medo. O termo “pessoa humana” é universal. Todos são pessoas, e, partindo desse conceito, eticamente todos merecem a dignidade que a esse ser compete. Porém, a alma, ao entrar no mundo, se coloca no plano da individualidade.

Assim, o corpo vivo animado carrega em si mesmo os sinais visíveis da verdade sobre o ser humano, na sua unidade de gênero: masculino e feminino. Não é possível “ver” perceptivelmente a psique e o espírito (onde são colados? Qual é o seu próprio espaço?). Mas eles se manifestam na apercepção empática.⁷⁰

Fazendo uma associação sobre a perspectiva espiritual, a alma é simples e aberta, tende para o além/ eterno (metafísica) e para o outro eu. Stein afirmou isso na sua tese de doutoramento sobre a empatia, Stein tenha interesse especialmente por essa abertura do ente humano. Partindo do pressuposto de que o homem é um microcosmo, termo de suma importância na fenomenologia, Edith certifica que o homem pertence à natureza, não por ser constituído pelo corpo, mas por ser psique, pertence portanto ao reino espiritual.

A forma do humano ser pertencente ao reino do espírito, ele pode colocar na natureza algo de bem ou de mal. Diferentemente dos animais, somente o ente humano possui o enfoque espiritual. O homem pode ser cruel, vil, impiedoso, maléfico, perverso e traiçoeiro, ao passo que o animal é somente selvagem. Essa é sua natureza. Apenas uma pessoa pode colocar bondade ou maldade em seus atos. O espírito permite ao homem tomar decisões e refletir. Na sua composição harmônica, o espírito encontra-se no alto.

Partindo desta conjectura, o homem pode eleger participar só do reino da natureza ou só do reino do espírito. Assim, há seres humanos que escolhem o reino da natureza, vivendo como animais. No entanto, viver como animal não é da característica do homem, mas somente dos animais. A pessoa pode seguir sua predisposição instintiva, mas pode subjuga-la pelo reino espiritual. A vida moral não é algo que se acrescenta ao ente humano, mas algo que o pertence no sentido de permanecer sempre com ele. Pode-se afirmar que na sua tríplice estrutura o homem é corpo, alma e espírito e não apenas uma das partes isoladamente.

⁷⁰ Manganaro, P. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein*. / Curitiba: Juruá, 2016.p. 51

Todas as dimensões estão interligadas e não é possível que haja uma sem houver a outra. Desta forma a composição harmônica da pessoa humana segundo Stein repulsa a ideia de um ser tripartido, é uma relação harmônica de corpo, alma e espírito. Se não há alma, o corpo é uma coisa material como qualquer outra coisa, carece de vida, e se não há corpo, não é possível haver a alma. O corpo é o que o torna visível. Se lhe falta o espírito, seria igual aos animais, não poderia ter uma vida moral, nem decidir ou escolher. Em suma, a pessoa humana não é um ser tripartido, mas unitário. Portanto, pode-se concluir que, harmonicamente, na sua estrutura – corpo, alma e espírito – o homem é pessoa.

3.4. A tríplice estrutura da pessoa humana

3.4.1. *Corpo*

Para os filósofos da escola da fenomenologia, assim como para Edith Stein, a corporeidade é uma extensão muito significativa do ser humano, visto que o entendimento passa por ela. “Podemos desenvolver uma análise da corporeidade. Nosso corpo tem dimensões que nós colhemos através do tato, mesmo quando nós estamos sentados.”⁷¹

Quando Husserl analisa a realidade do corpo, afirma que ele se apresenta a nós como um corpo que vivo “Leib”⁷², diferenciando-o meticulosamente daquele corpo que não possui vida (um cadáver por exemplo) denominando-o de “Körper”. O corpo meramente físico (Körper) é a estrutura que sustenta as nossas ações e não está separado da nossa alma, a não ser após a morte, da qual não temos uma experiência direta. O corpo que vive (Leib) é formado pela alma que é a causa vital. O corpo é o local onde habita os sentimentos, a vontade, etc. Não podemos portanto dizer que o corpo é a “prisão da alma”, mas é o que torna a pessoa visível e coloca em contato direto com as coisas e com os outros seres humanos.

Stein nos mostra em sua tese doutoral sobre a empatia que pelo corpo é possível penetrar em certa dimensão, na experiência dos outros seres humanos e no seu “mundo”

⁷¹ BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciência humanas: psicologia, história e religião*. Tradução de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. São Paulo: Edusc, 2004. 329 p. 52 apud Mauro, G. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 95

⁷² Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. p. 81. Encontramos o termo alemão Leib ou “corpo” próprio, animado ou, ainda, vivente, que diferencia de Körper. Este corresponde “a coisas materiais e a seres orgânicos enquanto corpos físicos”. Pelo corpo o homem se faz presente no mundo e ocupa o ponto zero, ou seja, somente ele pode estar ocupando um lugar como expressividade de convergência pontual de comunicação de atos. Sua postura compreende seu modo de ser ante a natureza e o mundo biológico, tudo numa esfera mundana de espaço-tempo, por isso, o corpo próprio é ponto de orientação

interior. Através das expressões faciais ou pela postura por exemplo podemos discernir se a pessoa está alegre (através de um sorriso), triste (através do choro), assim conseguimos saber o que se passa com a pessoa. A corporeidade é portanto o primeiro elemento que nos é evidente aos olhos quando nos encontramos com uma pessoa, pois junto ao corpo todas as pessoas carregam inúmeras características, como a altura, forma, cor que podem ser apreendidas na sua exterioridade. Portanto podemos afirmar que a pessoa humana é uma “coisa material” em sua constituição corpórea.

Na filosofia steniana o ser humano é concebido como “um objeto unitário, no qual a unidade da consciência de um eu e um corpo físico se conjugam indissolivelmente”⁷³, isso significa que o “eu” está intimamente ligado a um corpo. Assim sendo, Stein⁷⁴ afirma que o corpo vivo é percebido pela pessoa sempre como um “aqui”, ou seja, sempre é apreendido pelo indivíduo como sendo pertencente a ele; ao contrário dos demais objetos, os quais estão sempre “lá”, isto é, a alguma distância.

Temos a experiência das pessoas de uma maneira diferente que temos a experiência de nós mesmos, porém as distintas circunstâncias com as quais encontramos as pessoas, em cada caso, passam a primeiro plano. Nas pessoas que ainda não conhecemos é o externo que primeiro nos chama a atenção: se são altas ou baixas, de pele clara ou escura, etc. A forma, a altura, a cor: todas essas são características que possui qualquer coisa material. De início, por sua constituição corporal, o homem é uma coisa material como qualquer outra, está submetido às mesmas leis e está inscrito no marco da natureza material.⁷⁵

Edith Stein, no entanto, elabora uma distinção entre o nosso corpo material e as demais coisas materiais existentes, pois se a pessoa fosse apenas um ser material, poderia ser reduzido a um corpo material como outro qualquer. “[...] O ser humano possui pontos de recepção nos quais acolhe a realidade que está diante de si, assim com a capacidade de se mover,

⁷³ 2 Un objeto unitário en el que la unidad de conciencia de un yo y un cuerpo físico se ayuntan inseparablemente - STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. Vol. II. Traducción Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Coeditores: Espiritualidad; Monte Carmelo; Ediciones El Carmen, 2005. P. 137 apud Fidelis Donatos, Samuel. *A constituição tripartida da pessoa humana/ Sapere aude* – Belo Horizonte, 2017. P. 574

⁷⁴ Idem p. 122

⁷⁵ “Por un lado, experimentamos a otros hombres de manera distinta que a nosotros mismos. Pero también en el encuentro con otros en circunstancias diferentes son cosas asimismo diferentes las que en cada caso pasan a primer plano. En las personas que no conocemos es quizá lo externo lo primero que nos llama la atención: si son altas o bajas, de tez clara u oscura, etc. La forma, la altura, el color: todas éstas son características que posee cualquier cosa material. De hecho, por su constitución corporal el hombre es una cosa material como cualquier otra, está sometido a las mismas leyes y está inscrito en el marco de la naturaleza material”. (STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2002. 201 p. 34 apud Mauro, G. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 96)*

isto é, responder de forma motora àqueles estímulos que o tocam, configurando-se como ‘ser sensível e ser animado’”⁷⁶

Um outro aspecto que diferencia os corpos vivos dos objetos materiais não vivos é que os vivos são capazes de mover a si próprios, incluindo as plantas que se potencializam e são capazes de mover algumas de suas partes, independentemente de outros corpos

Nós ficaríamos horrorizados se víssemos uma estátua se mexendo por vontade própria e de forma livre pois é próprio de uma coisa inanimado continuar imóvel até que uma força externa a mova. O ser humano, assim como os demais seres animados, é um ser vivente, opostamente às coisas simplesmente materiais. O fenômeno que mais lhe atrai a atenção é o fato de sentir o próprio viver. Na fenomenologia é muito comum fazer comparações entre o mundo humano e o mundo animal. Segundo Bello⁷⁷, “[...] precisamos apreciar mais o mundo animal para poder fazer a comparação – os fenomenólogos sempre fizeram esta comparação”. Pelo fato do homem dispor de vida, ele é *Korper* e *leib* e não apenas *Korper*.

Os corpos vivos possuem ainda uma terceira característica da qual a vida deriva propriamente é de que o movimento dos organismos vivos advém do seu interior; mais precisamente de um “núcleo ou centro, que é o genuíno *primum movens*, aquele do que se pode dizer em sentido estrito que é o que “vive”, enquanto que do corpo físico que lhe pertence, se pode dizer unicamente que esse corpo “está animado”⁷⁸.

Por esse conhecimento sabemos que o ininterrupto processo de evolução e transformação própria dos seres vivos, embora seja influenciada pelos fatores externos, isto é, do ambiente em que os corpos se encontram, é direcionada pelo núcleo vital que contém em si o “mapa” do caminho evolutivo do ser vivo, dado que determina o que acontece com a totalidade desse ser vivo; de tal forma que no processo de evolução o ser vivo exerce uma série de “atividades” (alimentação, respiração etc.), que não se constituem como fases do processo de desenvolvimento, todavia estão a serviço do núcleo e servem como meios para que o ser humano possa atingir sua etapa de desenvolvimento.

⁷⁶ COELHO Júnior, A. G.; MIGUEL, M. *A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein*. Memorandum, 2006. apud Mauro, G. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 96)

⁷⁷ BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciência humanas: psicologia, história e religião*. Tradução de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. São Paulo: Edusc, 2004. 329 p. 192 apud Mauro, G. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 97

⁷⁸ Hay un núcleo o centro, que es el genuíno *primum movens*, aquello donde el movimiento próprio tiene ultimamente su punto de partida. Tal núcleo es aquello de lo que puede decirse em sentido estrito que es lo que “vive”, mientras que del cuerpo físico que le pertenece se puede decir únicamente que esse cuerpo “está animado”. (STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. In: STEIN, Edith. *Obras Completas II: Escritos filosóficos – Etapa Fenomenológica*. Vitoria: El Carmen, 2005. P. 792 apud Fidelis, S. *A constituição tripartida da pessoa humana*, 2017 P. 575

Além disso, Stein afirma que os seres vivos experimentam estados oscilantes ou estados mutáveis que são como: saúde, cansaço, enfermidade, fraqueza, que embora não estejam a serviço do núcleo, estão intimamente relacionados com ele, haja vista que comprovam a existência da energia/ força vital presente em todos os organismos vivos e que influenciará de modo favorável ou inibitório no processo de desenvolvimento e nas vivências das pessoas. “A forma vital, a ‘alma’ faz do corpo humano um organismo. Quando nele já não há vida, só é uma coisa material como outras muitas”⁷⁹

Compendiando essas ideias podemos afirmar que além de apenas um corpo material, o ser humano é um organismo vivo pois ele é favorecido de uma forma vital que oferece vida ao seu corpo, o que o faz distinto de qualquer outro ser material. Estudando psicologia, Edith Stein se deslumbrava com a maravilha da alma humana, ela chegou à conclusão de que essa disciplina ainda não havia decifrado essa parte do ser humano.

Analisando minuciosamente ela passou a oferecer orientações precisas para a psicologia usando o método fenomenológico. Ela queria oferecer uma fundamentação filosófica para a psicologia por meio do método fenomenológico tratando de temas localizados entre a antropologia filosófica e a psicologia. “Está previsto um processo formativo: a forma interior mira modelar o corpo e a alma segundo o próprio arquétipo”⁸⁰

A proposta de Edith Stein mira a formação integral, evitando qualquer tipo de empecilho que venha a se sobrepor ao desabrochar das potencialidades da pessoa; por isso, a formação deve se tornar um instrumento refinado e apropriado para favorecer a plena realização de cada personalidade.⁸¹

Pelo fato de não termos acesso direto para a alma nos parece muito difícil defini-la, no entanto é possível senti-la tanto no ser humano quando nos outros seres vivos. Fazendo uma análise rigorosa a fenomenologia divide a alma em duas partes: a “seele”, que são as atividades psíquicas, impulsos que não são controlados pelo ente humano e “geist”, ou esfera espiritual, que também tem suas peculiaridades próprias.

Analisando a antropologia de Teresa de Ávila, descrita na obra “Castelo Interior ou Moradas”, à luz do método fenomenológico, Edith atribui um novo sentido à alma em sua obra

⁷⁹ “La forma vital, ‘el alma’, hace del cuerpo humano un organismo. Cuando en él ya no hay vida, sólo es una cosa material como otras muchas”. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2002. 201 p. 45 Apud Mauro, G. A pessoa humana no pensamento de Edith Stein/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 97

⁸⁰ STEIN, E. *Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Burgos: Monte Carmelo, 2007, v. 3, 1229 p. 25

⁸¹ Sberga, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*/ São Paulo: Paulus, 2014. P. 19

“Ser finito e Ser eterno”: “[...] A alma, como ‘castelo interior’, tal como a descreve nossa santa madre Teresa, não é a modo de ponto como o ‘eu puro’, e sim um ‘espaço’ – um castelo com muitas moradas – onde o eu pode mover-se livremente saindo ou retirando-se mais ao interior”⁸²

Durante os seus estudos Stein atinge a compreensão de que uma outra característica particular dos seres vivos é a vontade. Para ela,⁸³ o que possibilita interromper as relações de determinações casuais da psique é a própria natureza dupla do sujeito que é a natureza corpórea e a natureza espiritual, onde encontrando-se de maneira passiva, o sujeito permite que ele intervenha na sua dinâmica psíquica⁸⁴. Isso também permite ao sujeito atuar e modificar o mundo exterior criando coisas novas base em coisas já existentes, justamente pelo fato do sujeito possuir o seu corpo como órgão de sua vontade.

Uma quinta características que podemos dar aos corpos é que segundo a filosofia, os corpos possuem a possibilidade de expressar a sua vida interior, a qual se denomina expressividade. Essa capacidade pode ser encontrada em vários outros seres além do ser humano, no entanto fundamenta a compreensão da subjetividade da pessoa humana, essa capacidade consiste em expressar o interior no exterior, portanto imprime no corpo os traços da sua vida interior.

O “eu” consegue se mover livremente na alma como um espaço interior, ou usando uma analogia Teresiana, a alma é como um castelo interior⁸⁵. “O eu é na alma aquilo pelo qual ela possui a si mesma e o que nela se move como no próprio espaço”⁸⁶. Esse pensamento de atribuir um aspecto mais interior para a alma é comum também a outros filósofos como Pascal e Santo Agostinho. Existe essa diferença fundamental entre a pessoa humana e os animais que é a interioridade. O ser humano possui a capacidade singular de “entrar em si mesmo”, e de “penetrar” no mundo que se manifesta a ele.

⁸² “[...] El alma, como ‘castilo interior’, tal como la describe nuestra santa madre Teresa, no es a modo de punto como el ‘yo puro’, sino un ‘espacio’ – un ‘castilo’ con muchas moradas – donde el yo puede moverse libremente saliendo o retirándose más al interior”. STEIN, E. *Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Burgos: Monte Carmelo, 2007, v. 3, 1229 p. 968 Apud Mauro, G. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 97

⁸³ STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. In: STEIN, Edith. *Obras Completas II: Escritos filosóficos – Etapa Fenomenológica*. Vitoria: El Carmen, 2005, P. 796

⁸⁴ CARDOSO, Carolina Resende Damas. *Contribuições de Edith Stein para a psicologia científica*. Curitiba: Appris, 2014. P. 120

⁸⁵ O Livro das Moradas, chamado também de Castelo Interior, é uma obra de Santa Teresa d'Ávila e foi escrita em 1577, como guia para o desenvolvimento espiritual através do serviço e da oração. A analogia de Santa Teresa de Ávila, em suas "Moradas", comparando a alma a um grande castelo constituído de 7 moradas, onde cada vez mais chegamos perto do centro mais perto estamos de Deus.

⁸⁶ GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987. 138 p. 62 apud Mauro, G. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein*/ Patos de Minas: Centro universitário de Patos de Minas, 2015. P. 98

Para Stein⁸⁷ o corpo é, portanto como mediador entre a pessoa e o mundo espacial; por meio dele, ela recebe as impressões exteriores e possibilidade de que a pessoa realize efeito sobre o mundo, isto é, que o transforme por meio de construções, da literatura, da arte etc. “O mundo inteiro no qual o indivíduo atua leva a marca de sua personalidade: de seus traços típicos e de sua peculiaridade pessoal.”⁸⁸

3.4.2. *Alma e psique*

Edith Stein⁸⁹ retrata a alma como o núcleo do ser humano. Ela indica que a alma está presente em todo o ser, que possui em si mesmo a potencialidade de auto formação⁹⁰ mas a alma não está unicamente no núcleo, é também o ponto de partida pelo fato de estar no interior do ser, para ela cada alma é um mundo interior.

A alma possui uma apresentação distinta do conjunto no que se refere ao ser humano, tendo uma “vida” distinta do corpo e um significado próprio. Diferentemente da alma humana, a alma animal é condicionada, ou seja, não possui o exercício da liberdade. A alma humana é consciente e livre, pois é mediante a liberdade, para ela a alma é a mediação entre a vida corpórea e a espiritualidade.

A divisão tradicional tripartida: corpo, alma e espírito, não devem entender-se como se a alma do homem fosse um terceiro reino entre outros dois que existem independentemente dela. Nela, a espiritualidade e a vida sensível coincidem e se enlaçam.⁹¹ É apresentado por Edith Stein⁹² uma primeira noção sobre alma e psique em sua tese de doutorado, em que ela declara a complexidade de se captar a compreensão desta definição. É o mesmo termo Seele que é

⁸⁷ STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. In: STEIN, Edith. *Obras Completas II: Escritos filosóficos – Etapa Fenomenológica*. Vitoria: El Carmen, 2005. P. 818 apud Fidelis Donatos, Samuel. *A constituição tripartida da pessoa humana/ Sapere aude – Belo Horizonte*, 2017. P. 576

⁸⁸ Idem P. 818

⁸⁹ STEIN, Edith. *Ser finito y ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del ser*. Tradução de Alberto Perez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

⁹⁰ O conceito *bildung* (formação) muito mais relacionado aos conceitos de pessoa. A utilização do termo *Bildung* na terminologia alemã como formação, cultura vem desde o período do idealismo. Portanto, os verbos ‘formar’, ‘plasmar’, (*bilden*) entram em competição com o mais antigo conceito de ‘educar’ (*Erziehung*) que passou a ser subordinado a eles. Cada vez mais se aceita a formação como conceito supremo, referindo-se à totalidade da constituição do homem, subordinando à formação, como meios, a instrução para a esfera intelectual e a educação para a esfera moral. Por isso o vocábulo formação é mais amplo que educação e toda formação não é educação. Sberga, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior/* São Paulo: Paulus, 2014. P. 21

⁹¹ Idem p. 386

⁹² STEIN, Edith. *La Estructura de la Persona Humana*. Tradução de José Mardomingo. Madrid: BAC, 2002.

usado em uma multiplicidade de significados, indicando às vezes psique e às vezes ambos, psique e espírito; outras vezes Seele tem a conotação de uma dimensão totalmente autônoma.⁹³

A construção do ser pessoa humana retorna à discursão quando Edith Stein⁹⁴ apresenta o tema da realidade interior fazendo referência ao núcleo da existência humana como Gemüt, termo em alemão que tem como significado ânimo, para logo depois definir que o termo Seele seria adequado apenas se fizesse referência à alma da alma.

Entre nossas experiências vividas, há uma que está na base de todas e que, junto com seus atributos persistentes, se torna aparente em nossas experiências como a portadora idêntica delas. Essa é a alma substancial.⁹⁵

Vemos que Edith Stein traz consigo muitos atributos persistentes que se refere a uma experiência primordial que nos faz entender a alma como uma realidade dotada de espacialidade, da mesma forma como um determinado lugar que radicam-se as propriedades psíquicas, como por exemplo, a agudez dos sentidos, a energia aparente numa conduta, a intensidade dos sentimentos.

Ao perceber, no início de suas pesquisas, que a alma possui uma dimensão fechada em si mesma, ela percebe também que ela é aberta ao mundo dos objetos numa espécie de correlato do meio ambiente que o circunda. Sabendo que a psique possui uma unidade indestrutível, pensar no fato dela também possuir em si uma dupla natureza que está voltada para o interior e para o exterior, pode-nos parecer contraditório estas duas ideias, no entanto, mesmo diante desta multiplicidade de objetos que possa chegar até ela, a psique é capaz de conservar aquilo que está no seu interior.

O que está no interior da alma é justamente o núcleo dela, é o lugar onde a alma cresce, e onde ela se encontra fundamentada, sobre esse núcleo Edith Stein afirma: “trate-se de um centro que configura o ser da alma individual e que molda o seu caráter”.⁹⁶

Na realização do desenvolvimento psíquico e espiritual do indivíduo, o núcleo é o responsável por esse desenvolvimento, sem que ele sofra qualquer tipo de alteração. A singularidade existente no núcleo determina toda a vida espiritual do indivíduo, concomitantemente a vida afetiva e o caráter de cada indivíduo, são marcados pela qualidade desse núcleo.

⁹³ BELLO, Angela Ales. *Introdução a Fenomenologia*. Bauru: EDUSC, 2006. P. 131.

⁹⁴ STEIN, Edith. *La Estructura de la Persona Humana*. Tradução de José Mardomingo. Madrid: BAC, 2002.

⁹⁵ KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein, entre Deus e a Filosofia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014, P. 75

⁹⁶ “It is a center that shapes the being of the individual soul and shapes its character” Stein, Edith. *Philosophy of Psychology and the Humanities*. Washington: ICS Publications, 2000, p. 237

A forma com que a pessoa se relaciona com os próprios sentimentos segundo esta linha de pensamento, ou a forma como esse indivíduo assuma determinadas posições, são resultados da qualidade individual de cada alma. Como você acolhe os valores e como você se comporta através deles, como você aproveita as coisas, como você faz a si mesma feliz, como você sofre e como você tolera: tudo isso depende da qualidade da alma.⁹⁷

Uma descoberta que ela nomeia como: “ela encontra-se em casa”⁹⁸, é de grande importância. O momento em que a alma abre-se para si mesma, que é o momento que ela se refere, e nesse abrir-se a pessoa encontra as qualidades que são fornecidas desde o interior, como por exemplo: a pureza, a bondade e o refinamento. Sendo assim ela as nomeia de: “qualidades estáticas”, elas não derivam da circunstâncias externas, mas sim do interior da própria alma.

A situações externas são as oportunidades em que a indivíduo se vê convidado a cometer uma boa ou má ação, por exemplo. E colocar em prática as qualidades psíquicas que dispões, qualidades que para tornarem-se hábitos precisam ser corretamente estimuladas, mas, ainda assim, ao cometer ações ruins, a pureza interior da alma permanece intocada. Capacidades sensíveis, como aprimorar algumas habilidades individuais ou aguçar os sentidos serão desenvolvidas ao longo da vida psíquica do indivíduo, enquanto o que pertence ao núcleo da alma, as qualidades estáticas pertencentes ao centro pessoal, não estão sujeitas a nenhum tipo de desenvolvimento ou influência do sensível. Ao mesmo tempo, amadurece e imprime em todo o curso do desenvolvimento psíquico, a sua marca registrada.⁹⁹

Sobre essa dinâmica da vida psíquica pode-se afirmar: É um caminho de desenvolvimento no qual as habilidades são treinadas. Pré requisitos desse treino são as potencias que a pessoa dispõe, as circunstâncias externas sob as quais o que é vivo progride, e finalmente a predisposição original que mais o menos estende-se no interior do processo de desenvolvimento.¹⁰⁰

Quando a ideia da relação entre a simplicidade e a mutabilidade da alma que se manifesta no desenvolvimento psíquico é apresentada por Edith Stein¹⁰¹ de uma forma que pode até parecer uma contradição mas o que ela quer apresentar nessa ideia é que o núcleo, que é o

⁹⁷ Idem P. 228

⁹⁸ Idem P. 227

⁹⁹ KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein, entre Deus e a Filosofia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014, P. 78

¹⁰⁰ It is a developmental path in which skills are trained. Prerequisites of this training are the potentials one has, the external circumstances under which the living progresses, and finally the original predisposition that least extends within the process of development. Stein, Edith. *Philosophy of Psychology and the Humanities*. Washington: ICS Publications, 2000, p. 237

¹⁰¹ Idem.

centro do ser pessoal, é também a forma¹⁰² substancial do ser humano que por sua natureza, possibilita o campo dos possíveis atos mutáveis.

Ter alma que dizer possuir um centro interior, na qual se percebe o entrechoque de tudo o que vem de fora, e do qual procede tudo que se manifesta na conduta do corpo como proveniente de dentro. Trata-se de um ponto de intercâmbio, no qual impactam os estímulos e do qual saem as respostas.¹⁰³

O que existe de humano especificamente na criação faz parte das pesquisas de Edith Stein¹⁰⁴, o que há de autêntico e singular no homem, e o que distancia da fronteira com os outros seres, partindo da constatação mais específica do ser o humano, que é o fato dele poder dizer sobre si mesmo: “eu”. Apresenta-se a alma humana em contraste com os animais, pois somente a alma humana é capaz de sair de si mesma e penetrar no interior das coisas e dos outros sujeitos, podendo está aberta para o mundo, podendo voltar para si mesma e captar sua própria interioridade. Essa característica é própria da alma espiritual do homem, que faz dele um ser livre e espiritual, distinta de todos os seres da natureza.

3.4.3. O espírito

Edith Stein¹⁰⁵ traça uma análise da alma humana, e sobre a essência do espírito em seus escritos sobre a estrutura humana. O espírito pode significar em um primeiro momento, algo que se opõe à vontade. Em um segundo momento, o termo espírito pode ser entendido como tudo que contraria a sensibilidade.

A respeito dos sentidos anteriores, quando ela apresenta a alma como algo espiritual, ela opõe o corpo ao termo spiritus, colocando o corpo como res extensa e que em grego significa hábito. Para Edith Stein¹⁰⁶, a essência do espírito é de fato o hábito dos gregos, que se caracteriza por três aspectos: a mobilidade, a leveza e a falta de fixação.

¹⁰² [...] de um lado designa a ação de formar (bilden), ou também o processo do vir a ser formado; e do outro êxito de tal atividade, o que, ao objeto formado, confere o caráter de formado. Por quanto se refere ao significado, bilden significa formar uma matéria, e criar em tal modo uma imagem (bild) ou uma forma (Gibilde). Dizendo forma, entendemos de fato que esta é alguma coisa formada, plasmada. Dizendo imagem, entendemos que esta reprodução (Abbild) de um modelo (Urbild). Portanto, é pertinente ao processo formativo que uma matéria tome uma forma que a torne reprodução de um modelo (Stein, 1926-1938/1999b, p.21-22, grifos da autora apud Sberga, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*/ São Paulo: Paulus, 2014. P. 22)

¹⁰³ Stein, Edith. *La Estructura de la Persona Humana*. Tradução de José Mardomingo. Madrid: BAC, 2002 P. 55

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Idem.

A alma como uma criatura espiritual possui três elementos, sendo que ela pode sair espiritualmente de si mesma, tendo a possibilidade de mover-se de forma livre, sem que essa liberdade o faça abandonar o lugar onde se encontra corporalmente. Quando ela apresenta a ideia de alma, é preciso entender que ela fala de uma só alma, já a alma espiritual que ela apresenta, significa que essa alma espiritual possui uma natureza espiritual, entendido aqui como spiritus, como o hálito que sopra para onde quiser.

Ela nos dá uma definição de sujeito espiritual no momento em que ela nos apresenta um dos seus trabalhos sobre o problema da empatia, em que o sujeito “é um eu em cujos atos um mundo de objetos é constituído e no qual ele mesmo cria objetos por razão de sua vontade”.¹⁰⁷

Esses atos espirituais, em que o “eu” se manifesta são ligados uns aos outros por uma cadeia, cadeia essa que é motivacional, sendo uma conexão de sentido, que Edith Stein¹⁰⁸ define como propriedade exclusiva da vida espiritual.

A alma é o espaço no centro daquela totalidade composta pelo corpo, pela psique e pelo espírito; enquanto alma sensível, habita o corpo, em todos os seus membros e partes, é fecundada por ele e age dando-lhe forma e conservando-o; enquanto alma espiritual eleva-se para além de si, observa o mundo colocando fora do próprio Eu, um mundo de coisas, pessoas, acontecimentos, entra em contato inteligentemente com ele e é por ele fecundada.¹⁰⁹

¹⁰⁷ Idem P. 96

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ STEIN, Edith. *Ser finito y ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del ser*. Tradução de Alberto Perez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1994. P. 988

4. A TRINDADE COMO ARQUÉTIPO DA PESSOA HUMANA – RELAÇÃO ENTRE O SER FINITO E O SER ETERNO.

4.1. Uma Antropologia Transcendente

Edith Stein¹¹⁰ apresenta uma pequena introdução no seu livro sobre a estrutura da pessoa humana, partindo desta perspectiva de uma antropologia teológica, ela apresenta igualmente a importância das verdades teológicas. Partindo do ponto de vista de uma antropologia filosófica, assim como todos os seres finitos, o ser humano é também um ser finito que não possui a capacidade de compreender-se por inteiro.

Ao analisarmos filosoficamente podemos encontrar no ser humano uma multiplicidade de verdades, ou até mesmo, identificar que o ser humano é um ser lançado na existência, e também consegue extrair conteúdos essenciais, mas não consegue chegar ao todo desses questionamentos. Diante disso se faz necessário, para responder as últimas causas, recorrer as verdades reveladas por Deus.

O ser humano foi criado por Deus no momento em que foi criado o primeiro ser humano, como uma unidade por razão de sua origem e como uma potencial comunidade; cada alma humana individual foi criada por Deus; o homem foi criado a imagem e semelhança de Deus; o homem pode e deve fazer que sua vontade esteja em consonância com a vontade de Deus.¹¹¹

Para que o ser humano consiga descobrir as respostas sobre a sua existência Stein¹¹² diz que é necessário primeiro nos referirmos a um ser infinito que é Deus. Essa relação com o ser infinito se torna essencial pois sem a relação com Deus o ser humano torna-se incompreensível. Ela também apresenta algumas condições e realidades existentes nessa relação do ser finito com o ser eterno. A primeira delas é a condição de criatura que se encontra o ser finito, dentro de uma temporalidade, existe também nessa relação a liberdade de ser finito, que possibilita a ele uma relação com o ser eterno, mas mediante a liberdade, o sujeito pode acabar se abrindo à realidade do mal, e essa realidade impossibilita a relação com o ser eterno.

¹¹⁰ STEIN, Edith, *La Estructura de la Persona Humana*. Tradução de José Mardomingo. Madrid: BAC, 2002.

¹¹¹ Idem, p. 194-195

¹¹² Idem.

4.2. A situação da criaturalidade

Antes de apresentar concretamente o ser finito e o ser eterno, precisamos apresentar quais são as circunstâncias nas quais se encontra o ser humano na sua relação com o ser infinito de Deus. Segundo Michele D' Ambra¹¹³, essas condições que Edith Stein¹¹⁴ apresenta, em que se encontra o ser humano, pode-se dividir em duas categorias: a temporalidade e o desejo de plenitude. Para compreender essa colocação, é preciso retornarmos a sua obra *Ser Finito y Ser Eterno*¹¹⁵, para termos uma maior compreensão da condição humana submetida à temporalidade e à carência da plenitude. Ela faz uma análise fenomenológica da “vida-do-eu”¹¹⁶, que está submetido a temporalidade.

Essa vida que é apresentada por Stein, é uma vida que se constrói no interior de um movimento, ou seja, existe um “fluxo contínuo de experiências vitais pela passagem constante de uma unidade de experiência vital a outra”¹¹⁷. É possível notar após uma análise feita por Stein, que nesta vida algo de original é infundido nessa “vida-do-eu”¹¹⁸, conhecimento que se tem sobre o próprio ser, ou seja, a afirmação feita por todos “eu sou”, agrega-se esse conhecimento ao consciente de si mesmo de forma imediata “Essa certeza é o que me está mais próxima, é inseparável de mim e constitui um ponto de partida atrás do qual é impossível ir mais além”¹¹⁹.

Este conhecimento da certeza que se tem sobre o próprio ser, do ponto de vista temporal não é o primeiro pois a “vida-do-eu” normalmente é voltada para as coisas do mundo, ao passo que é à conduta espiritual, que o fará compreender a si mesmo e encontrar a si mesmo. A temporalidade julgamos ser uma das características do ser finito, mas como já vimos no início, existe também nesse ser finito o desejo de plenitude.

A pergunta que estimulava a investigação acerca do desejo de plenitude, segundo Stein¹²⁰, é também sobre a vida-do-eu, mas agora com uma significação diferente, pois mesmo que a análise a temporalidade possibilitou uma via de acesso a consciência da contingência

¹¹³ D' AMBRA, Michele. Edith Stein: *Lo Spirito e la Santità*. Roma: Edizioni OCD, 2007.

¹¹⁴ STEIN, Edith, *Ser finito y ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del ser*. Tradução de Alberto Perez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Idem, P. 52.

¹¹⁷ KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein, entre Deus e a Filosofia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014, P. 109.

¹¹⁸ STEIN, Edith, *La Estructura de la Persona Humana*. Tradução de José Mardomingo. Madrid: BAC, 2002. P. 52.

¹¹⁹ STEIN, Edith, *Ser finito y ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del ser*. Tradução de Alberto Perez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1994. P. 53.

¹²⁰ Idem.

percebe-se, mesmo diante dessa realidade, que um lado do ser finito permanece velado. A ânsia do desejo de plenitude possui uma pergunta que parte do desejo do eu de captar o entendimento, a sua contingência e incontingência, e também o desejo de viver uma existência que abarque a plenitude do ser.

O acesso para a relação do ser finito com o ser eterno torna-se possível devido a uma vida de acesso formada por este desejo de um vivência plena do ser. A inconsistência da vida-do-eu é apresentada por Edith Stein¹²¹ como sendo a ânsia de responder a pergunta sobre sua origem. Esse mesmo eu, busca encontrar em suas memórias a origem de sua existência, mas ele percebe-se limitado pela própria condição, sendo assim o eu por si só não pode encontrar o seu começo.

Tendo em vista tudo isto, nos deparamos com o eminente perigo de cair no vazio da sua existência, começa e se perguntar sobre o nada, ou se ele caminha para o nada. Diante da incapacidade do eu de conhecer a si mesmo, a sua impossibilidade de responder as questões acerca de sua origem, e seu desejo de viver a plenitude do ser, percebe-se uma necessidade do ser finito se relacionar com um ser que não é o mesmo que ele, mas um ser que lhe é superior, um ser que é eterno.

4.3. O inverter de Edith Stein da analogia trinitária

Contudo, o elemento original do trabalho filosófico realizado por Stein em *Ser finito e eterno*, não é propriamente a exposição do ser pessoal, apesar das minúcias específicas e do inquestionável aprofundamento com relação às obras anteriores, esse livro não apresenta posições novas quanto ao conceito de pessoa.

O método adotado por Stein para aprofundar a compreensão do conceito de pessoa ou do ser pessoa, é uma novidade evidente deste trabalho. Ela não maneja apenas um levantamento de detalhes ainda não explorados, nem uma análise meramente conceitual; na verdade; na realidade, ela sequer parte do uso que se faz da noção de pessoa no mundo natural. Ao contrário, Edith Stein parte do modelo trinitário para iluminar a compreensão da pessoa humana.

Assumindo o conceito de Boécio traçando um discurso direto sobre a pessoa humana. Ao discorrer sobre as pessoas trinitárias, ela As toma por suposto para logo transferir

¹²¹ Idem.

o discurso para a pessoa humana. Discorrendo de uma forma diversa, Edith Stein promove uma análise descendente que, no percurso histórico do emprego do vocábulo “pessoa”, tanto se esperou de Boécio, Ricardo de São Vítor e Santo Tomás.

Cada um do grupo anteriormente mencionado, iniciava o discurso sobre a pessoa humana conceitualizando-a, e analogamente empregando-a a divindade. Assim como Ricardo de São Vitor, iniciando da psicologia do amor humano, não conseguiu realizar aquilo que divisou como déficit em Boécio: tirar do modelo divino uma inspiração para compreender o ser pessoal humano.

Precisamente foi isso que Stein faz. Ela subscreve a analogia do ente (analogia entis) a conceitualização utilizada acima de tudo por Santo Tomás de Aquino, mas, a Trindade, na sua obra *Ser finito e eterno*, que ela tem como seu ponto de partida a trindade e acha o arquétipo mais apropriado para discorrer sobre a personalidade do ente criado. De outro modo, ela não recorre ao conceito filosófico de pessoa a um uso teológico, mas enriquece a definição filosófica a partir de seu uso teológico e ainda alargando o seu sentido. Esse é o procedimento explícito do § 2 da parte VII de *Ser finito e eterno*, que Edith inicia dizendo:

A busca do sentido do ser conduziu-nos até o primeiro Ser: o Ser em pessoa¹²² e mesmo em três pessoas. Para compreender isso, e à medida da capacidade de nossa compreensão, nós esclarecemos o que se deve entender por pessoa, a fim de obter uma nova compreensão do ser finito partindo do primeiro Ser. Mas o ser pessoal como tal e por conseguinte o Ser primeiro mesmo permanecem muito obscuros para nós se não conseguimos esclarecer a essência do espírito. Já concebemos o ser divino como ser espiritual, e, se encaramos a pessoa como suporte de uma natureza dotada de razão, sua natureza espiritual parece também já expressa, pois espírito e razão parecem convir um ao outro mutuamente¹²³.

Isso significa que Stein iniciando seu percurso a partir da concepção de pessoa como suporte (substância) de uma natureza racional, e percebeu que, como o primeiro Ser possui uma natureza racional, então é legítimo falar da pessoa do primeiro Ser; na verdade, por ser ele quem é, ou seja, o ser primeiro, absoluto, ele é o Ser em pessoa. Deste modo se o conceito nocional em sua utilização apropriada ao ser humano possibilitou falar que o Ser primeiro, de

¹²² A análise steiniana do ser, que conduz ao Ser primeiro, bem como sua interpretação da revelação bíblica do nome de Deus como Aquele que é ou Eu Sou, encontram-se precisamente na parte VI e no § 1 da mesma parte VII. Apud SAVIAN, Juvenal Filho. *A Trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária*. Faculdade Dehoniana. Número 30, revista TQ – Teologia em Questão, 2016.

¹²³ *Ser finito e eterno* VII, 2 apud SAVIAN, Juvenal Filho. *A Trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária*. Faculdade Dehoniana. Número 30, revista TQ – Teologia em Questão, 2016.

personalidade, é o arquétipo ideal, naturalmente se busca, no conhecer da personalidade do Ser primeiro, pontos que esclarecem a personalidade humana.

Tal coisa é equivalente a reconhecer que alguns dados apenas podem ser percebidos no momento em que refletimos voltados ao Ser primeiro, contudo, a partir do momento em que se conhecem, eles têm a possibilidade de dar luz no compreender do ente criado. Se trata de, como arquétipo do ser criado, tomar o Ser primeiro. Nesse esquema ao considerarmos a revelação trinitária na sagrada escritura como ponto inicial válido para aquele que reconhece a canonicidade da sagrada escritura, Stein acha uma fonte inspiradora para entender a personalidade da criatura. Justamente aqui o trabalho de Edith Stein alcança o seu cume, portanto a proposta inovadora de Stein é descrever o ser humano com base na trindade, uma novidade em relação aos autores que a ela precederam.

No seu discurso, a intermediação no que se refere ao dogma trinitário, aplicada a intermediação a respeito da estrutura da pessoa humana, possibilita observar que, tal como do pai tudo se procede, contudo ele de nada procede, desta forma é a alma humana, além do mais, como é gerado o Filho ou forma essencial nascida eternamente do Pai, desta forma é o ser humano em seu corpo, finalmente, tal como o Espírito Santo circunda de forma livre e gratuita o Pai e o Filho, dessa forma é o espírito¹²⁴.

Portanto se são uma substância, Pai, Filho e Espírito Santo ou pessoas unidas pela singularidade da essência, sem criar três deuses, dessa mesma forma é a alma, corpo e espírito, três são os âmbitos que se unem da singularidade da pessoa, sem dar lugar a um conglomerado de três partes, contudo há um ente único no qual todos os três componentes interpenetram-se, inhabitam-se ou circumenvolvem-se (modelo compreensivo chamado classicamente de pericorese), identificada pela individualidade, constituindo a essência da personalidade, pela razão e pelo sentir.

A imagem do Filho se apresenta no corpo, pois é a dimensão que cada um recebe desde fora de si; a alma é imagem do Pai, pois é o poder gerador do qual se dá a vida de cada

¹²⁴ Cf. idem, ibidem. Aqui é preciso ter em vista que a posição relativa das pessoas divinas no interior da Trindade não termina numa afirmação de cada pessoa divina como dotada de uma especificidade ou exclusividade. Quando Tomás de Aquino fala do princípio eterno (Pai) e dos principiadados eternos (Filho e Espírito Santo), pretende, em continuidade com Agostinho, apontar para o fato de que a única diferença entre as pessoas divinas está nas relações eternas de origem, não na essência ou natureza. Então, comparar as dimensões da trindade humana com as pessoas da Trindade, como faz Edith Stein, requer que não se isolem nem as pessoas divinas nem as dimensões humanas, mas que elas sejam todas vistas em sua recíproca inhabitação, como procuraremos mostrar na sequência. Ver a nota 22 do presente estudo apud SAVIAN, Juvenal Filho. *A Trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária*. Faculdade Dehoniana. Número 30, revista TQ – Teologia em Questão, 2016.

indivíduo; já o Espírito se apresenta como imagem do Espírito Santo, porque faz referência ao amar, à liberdade e à dinamicidade.

Da personalidade, as notas, se apresentarão nos três âmbitos: não se pode entender o corpo como mera matéria inerte animada por uma alma, pois isso não respeitaria a inabituação entre corpo, alma e espírito. Só podemos encontrar um único corpo inerte no universo, que é o mineral; contudo até ele é tocado pelo espírito do criador ao possuir uma forma (ou melhor, existe “no” espírito do Criador).

A respeito do corpo humano já é, por assim dizer, alma e espírito, do mesmo modo que a alma é por assim dizer corpo e espírito, por sua vez o espírito é por assim dizer corpo e alma. Por isso, a sua maneira, o corpo já possui racionalidade, individualidade e sentimento (ele é índice de individualidade como conjunto de características físicas e é capaz de racionalidade e sentimento), desta forma são a alma (motor da individualidade e capaz de racionalidade e sentimento) e o espírito (propriamente racionalidade e sentimento, mas cuja ação colore a individualidade movida pela alma e exteriorizada pelo corpo).

Tal coisa requer um empenho maior de entendimento. Não é, ao corpo, atribuir o sentimento e a racionalidade. Esses são específicos do espírito. Se fosse possível entender o corpo humano de maneira isolada, isento de sua relação com a alma e o espírito, esse seria observado meramente como um conglomerado de atributos físicos. Realmente assim mesmo ele já se apresentaria como morada de um espírito, o do criador, cuja linguagem é aquela das formas. Efetivamente, cada corpo, mesmo em situação de inércia (como os minerais), mostra ser informado por uma essência, é portador de existência e torna manifesto um sentido (sua forma).

De tal ponto de vista, podemos, de fato, dizer que não há “matéria sem espírito” na cosmovisão de Edith Stein. O arquétipo da Trindade impossibilita que compreendamos o corpo humano meramente como uma parte física animada por uma alma e colocada em movimento por um espírito, pois de tal maneira não se manteria o padrão trinitário no qual todas as pessoas inabitam-se.

Tal realidade expressa que, no ser humano, o corpo também não é simplesmente âmbito animal, é também uma animalidade tipicamente humana. O corpo da pessoa humana corpo-com-alma-e-espírito, assim como a alma já é alma-com-corpo-espírito e o espírito já é espírito-com-corpo-e-alma.

Na obra *Estrutura da Pessoa Humana*, é possível entender o pensamento de Stein como uma fase intermediária para compreender como ela descrevia a animalidade humana. Ela se dá conta de que, assim como os animais, possuímos uma diversidade de movimentos

instintivos, em função da nossa base material-vegetativa-sensitiva, contudo também percebe que essa base, distintamente da dos animais, é acondicionada para o agir da alma e do espírito. Ela fala que não se pode isolar um âmbito puramente vegetativo-sensitiva em nós, porque estamos capacitados para um conhecimento espiritual.

Dito de outro modo, nosso corpo já é de um ser espiritual, corpo humano, assim como nosso espírito já é de seres corporais, espírito humano. O arquétipo trinitário ilumina nosso auto entendimento por requerer que não discorramos sobre nós mesmos como partes juntas, mas como uma unidade na qual os diversos elementos estão intensamente implicados entre si.

Sendo assim, nem o corpo há de ser meramente um conglomerado, porque uma alma o estrutura. Se o arquétipo trinitário é o da circumincessão, inhabitação ou pericorese, desse modo o Pai, o Filho e o Espírito Santo só podem ser distinguidos pelas relações originárias; nenhum deles possui algum atributo específico que mantém para si sem partilhar com os demais. Propor o contrário supõe quebrar a unidade essencial dos Três. Do mesmo modo, a pessoa humana, imagem da Trindade, é a circumincessão, inhabitação ou pericorese viva de corpo, alma e espírito¹²⁵.

Simultaneamente, a trindade é algo misterioso, já que a inteligibilidade total da unidade de essência e trindade de pessoas não se dá à pessoa humana nesta vida, também o ser humano mantém o seu mistério, sendo que igualmente sua unidade trina não pode ser sondada. Filosofia, ciência ou teologia não podem a partir deste ponto de vista falar a palavra final sobre o que é o ser humano na sua unidade; como máximo, podem descrevê-la.

É válido pressupor que, em sua intimidade, a Trindade, abarque a sua unidade trina; contudo, se vemos de fora, ou seja, por nós mesmos, tal unidade permanece misteriosa. Do mesmo modo, no que se refere ao ser humano, no íntimo de cada indivíduo, há certeza da sua indissociabilidade de corpo, alma e espírito e de sua unidade trina, porém, ao voltar-se à exterioridade, uma pessoa e expressar tal unidade que ela vivencia profundamente no seu íntimo, comete uma falta pela forma de fazer referência a cada aspecto que a forma como se fosse independente dos demais. Comete uma falta mormente aquela que intenta discorrer sobre

¹²⁵ Convém notar que há um limite na analogia trinitária da pessoa humana: a Trindade tomada como arquétipo permite apenas pensar que a relação entre corpo, alma e espírito, segundo Edith Stein, é semelhante à relação entre Pai, Filho e Espírito Santo (modelo pericorético). A filósofa não pretende dizer que corpo, alma e espírito são apenas suportes de uma mesma essência (como ocorre com as pessoas divinas), pois são irreduzíveis entre si e claramente distinguíveis apud SAVIAN, Juvenal Filho. *A Trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária*. Faculdade Dehoniana. Número 30, revista TQ – Teologia em Questão, 2016.

a unidade vivenciada por outrem, tomando como base uma averiguação que difere o âmbito corpóreo do psíquico e daquele espiritual.

Externamente, se arma uma divisão que não pode ser superada entre o conhecer-se e aquilo que se fala de si, mas essa divisão é garante de que o lugar sagrado da íntima experiência não se pode profanar por ninguém ou nada. Sintetizando, de forma diferente daqueles autores que põem comparações entre o criado e a Trindade, Edith Stein não se limita ao espiritual (falando apenas, por exemplo, de inteligência, memória e vontade, como fez Santo Agostinho), contudo insere, nessa analogia, corpo e alma.

Buscando basear-se na pessoa humana para falar das pessoas divinas, acaba invertendo a analogia trinitária adotada pelos autores clássicos, e Stein toma a Trindade como um arquétipo para falar da pessoa humana. Além de que a inhabitação, circumincessão ou pericorese das pessoas divinas torna-se modelo para que possamos compreender a unidade que existe entre corpo, alma e espírito.

Ao expor a Santíssima Trindade como arquétipo do ser humano, Stein determina que se faz necessário abandonar o ponto de vista tripartite que tome o corpo, a alma e o espírito como realidades independentes ou marcadas por alguma fronteira.

Assim como as pessoas da Trindade são unidos pela mesma essência, Pai, Filho e Espírito Santo, são também distintos, desse modo igualmente a alma, o corpo e o espírito, embora distintos, não são de modo nenhum independentes nem separados. Interpenetram-se ou circuminvolvem-se totalmente, segundo o modelo pericorético. Quando Franz Brentano e Edmund Husserl definem aquilo que faz a especificidade do mental ou do psíquico em distinção com o físico (quer dizer, a intencionalidade ou direção para um objeto; objetividade imanente à consciência), usaram o vocabulário da teologia da pericorese: *Inexistenz* (existência imanente, “existência em”) e *Einwohnung* (inhabitação, “habitar em”), correlativos dos termos latinos *inexistentia*, *inhabitatio* e *circumincessio*.

Do ponto de vista de todo o pensamento steniano, nem mesmo uma expressão muito usada como “indivíduo psicofísico” é capaz de mostrar a circumincessão entre corpo e alma, pois psicofísico mantém uma significação de aglomerado (quase, aliás, ao modo da heresia nestoriana que Boécio denunciava por imaginar um ser monstruoso que consistiria em duas substâncias independentes).

Até mesmo ao dizer que a “energia vital espiritual” consome a “energia vital física”, Edith não irá querer que tal seja compreendido como duas energias vitais. Desde a ótica do nosso discorrer que se diz em “duas” energias vitais, tal como corpo e alma são dois, somente desde a ótica de nossa expressão e análise; nelas mesmas, tais realidades, mesmo distintas,

formam uma unidade. Aqui está o empenho que Edith Stein requer daquele que lê Ser Finito e Eterno: não seria lançar na divindade a tripartição que observamos nas criaturas, mas de lançar na criatura a não tripartição da Trindade¹²⁶.

¹²⁶ Edith Stein chega a encontrar imagens da Trindade também nas coisas materiais inanimadas e nos seres vivos irracionais. Aqui não é possível explorar esses aspectos de sua análise, pois eles levariam longe do conceito de pessoa. Apenas a título de informação e com a finalidade de aguçar a curiosidade do leitor, lembramos que, nas coisas inanimadas, Edith vê uma imagem do desdobramento trinitário no fato de elas chegarem à forma que corresponde à sua determinação essencial durante sua existência, de possuírem realmente essa forma essencial informada e de exprimirem ou exteriorizarem sua essência (Cf. Ser finito e eterno VII, 7). Nos seres vivos irracionais, Edith vê a vida permanente particular como imagem do Pai; essa mesma vida como dotada de sentido seria imagem do Filho; e a exteriorização da força e irradiação da essência, do Espírito Santo (cf. ibidem VII, 8) apud SAVIAN, Juvenal Filho. *A Trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária*. Faculdade Dehoniana. Número 30, revista TQ – Teologia em Questão, 2016.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminando essa investigação é possível recolher alguns resultados, e todos eles para a pessoa humana se voltam. Tendo isso em conta, a antropologia de Edith Stein procura analisar profundamente a pessoa humana. Há possibilidade de perceber que ela faz uma análise da pessoa através da relação com o mundo circundante, e também sua vivência de uma maneira isolada tanto quanto sua coletividade, com o intuito de perceber o quanto o ambiente pode ou não determinar o ser.

Ela entende a pessoa humana como sendo um ser dotado de um âmbito corpóreo, que permite e estabelece a relação com o mundo, objetos e pessoas. Dessa forma o âmbito corpóreo é o requisito de possibilidade de todo conhecimento da pessoa humana. A qual possui uma alma (núcleo do ser) estando presente em todo o ser, que possui em si a potencialidade de autoformação.

É apresentada com um contraste a alma humana e a alma dos animais, pois somente ela tem a capacidade de sair de si e ir para o interior das coisas e dos demais sujeitos. Pode estar aberta para o mundo. Pode regressar a si e compreender sua própria interioridade. Finalmente, também existe o âmbito espiritual. É aquele no qual encontramos a inteligência e a vontade, em que as capacidades de desenvolvimento que são vinculadas à formação de si mesmo, são realizadas.

Com a finalidade de o ser humano encontrar, sobre sua existência, a resposta e qual o motivo da mesma, requer-se que ela esteja relacionada com o Ser Eterno. Sem tal relacionamento o ser humano mostra-se incompreensível. É possível perceber uma estrutura no pensamento apresentado nesse trabalho de Edith Stein.

Ao buscar chegar no mais íntimo da pessoa humana, com a intenção de conhecê-la, nota-se que ela possui uma realidade tripartida. Tal realidade a constitui e a faz ser única no meio de todos os outros seres. O privilégio de sua unicidade a torna capaz de se relacionar com as demais realidades, sobretudo, com outro sujeito. Essa relação me possibilita conhecer o outro e conhecendo o outro me conhecer e perceber que sou um ser finito e limitado e que tenho um desejo de plenitude que não se sacia.

De tal forma, possibilita-me a relação com o ser finito, porque é nessa relação que se expressa de maneira total aquilo que sou. Contudo com essa intenção minhas vivências necessitam ser completamente imbuídas da autêntica e bela relação com o Ser Eterno, Deus. Dita relação me conduz a dar uma resposta ao chamamento a mim feito. Esse que me encaminha

para a vivência plena do meu ser, ser aquilo que sou, ser pessoa humana, dada a relação e relação com o ser eterno.

As conclusões que aqui encontramos indicam somente um norte no qual a pessoa possa seguir, possibilitando um futuro diálogo e análise mais aprofundada. As questões que aqui foram discutidas nos iluminam para um melhor entendimento das questões antropológicas apresentadas por Edith Stein.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica*. Organização e tradução de Clio Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciência humanas: psicologia, história e religião*. Tradução de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. São Paulo: Edusc, 2004

CARDOSO, Carolina Resende Damas. *Contribuições de Edith Stein para a psicologia científica*. Curitiba: Appris, 2014.

COELHO Júnior, A. G.; MIGUEL, M. *A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein*. Memorandum, 2006

D'AMBRA, Michele. *Edith Stein: Lo Spirito e la Santità* Roma: Edizioni OCD, 2007

FABRETTI, Vittoria. *Uma vida por amor*. Paulinas, 2000

FIDELIS Donatos, Samuel. *A constituição tripartida da pessoa humana/ Sapere aude – Belo Horizonte*, 2017.

GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*, São Paulo, Loyola, 1987. P. 35 apud Mendes,

_____, Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987

J. RIFKIN, la civiltà dell' empatia. *La corsa verso la coscienza globale nel mondo in crisi*, Mondadori, Milano, 2010

KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein, entre Deus e a Filosofia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

MANGANARO, Patrizia. *Empatia. / Parole allo specchio*, 2014.

_____. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein/ Curitiba: Jarua*, 2016.

MAURO, Gabriel da Silva Rosa. *A pessoa humana no pensamento de Edith Stein. / Revista Crátulo, Centro Universitário de Patos de Minas*, 2015.

MENDES, Adenilton Reis Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno. / Belo Horizonte*, 2013

MIRIBEL, Elisabete de. *Edith Stein – Como ouro purificado pelo fogo*; Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Santuário, 2001

NEYER, María Amata. *Edith Stein: su vida en documentos e imágenes*. Traducción Teófanés Egidio. Madrid: Editorial de Espiritualidade, 1987.

PINOTTI, *Empatia. Storia di un'idea da platonne al postumano, laterza*, Roma – Bari 2011

REIS, Adenilton Pereira. *Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno*. / Belo Horizonte, 2013.

SAVIAN, Juvenal Filho. *A Trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária*. Faculdade Dehoniana. Número 30, revista TQ – Teologia em Questão, 2016.

SBERGA, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*/ São Paulo: Paulus, 2014.

SCANDINI, Patrício. *Uma hora com os místicos do Carmelo*. Loyola, SP, 1999.

STEIN, Edith. *Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Burgos: Monte Carmelo, 2007,

_____. *Sobre el problema de la Empatía*. Burgos: Monte Carmelo, 2007

_____. *Introducción a la filosofía*. In: STEIN, Edith. *Obras Completas II: Escritos filosóficos – Etapa Fenomenológica*. Vitoria: El Carmen, 2005.

_____. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2002

_____. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2002.

_____. *Na força da cruz*. 2. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987,

_____. *Philosophy of Psychology and the Humanities*. Washington: ICS Publications, 2000

_____. *Ser finito y ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del ser*. Tradução de Alberto Perez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1994